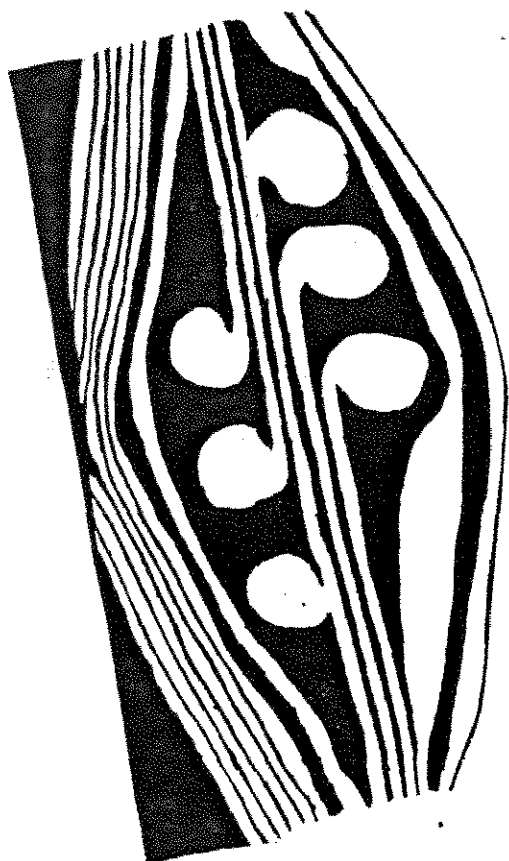


ANÁLISE FONOLÓGICA DA LÍNGUA JURUNA

POR

CRISTINA MARTINS FARGETTI



Dissertação apresentada ao Departamento de Lingüística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística.

Este exemplar é a redação final da tese defendida por CRISTINA MARTINS

FARGETTI

e aprovada pela Comissão Julgadora em 13 / 10 / 1921.

Lucy Seki  
PROFA. DRA. LUCY SEKI - ORIENTADORA

CAMPINAS - 1992.

F225a

18370/BC

UNICAMP  
BIBLIOTECA CENTRAL

Aos yu'já ('Jurúna'),  
com carinho.  
Aos meus pais e avós.  
A Sylvio e Laura.

### Meus agradecimentos:

- Aos yuYá ("Jurúna"), em especial ao chefe Karadídi, a Bisaká Ajihá, Tarinú, Lahuseá e yáyá, pela acolhida, pela amizade e pela pronta colaboração com a minha pesquisa.
- À Profa. Dra. Lucy Seki, por receber-me como integrante da sua equipe e orientar-me com paciência e segurança em todas as etapas do trabalho.
- Aos professores do I.E.L. (Instituto de Estudos da Linguagem - UNICAMP), em especial ao Dr. Luis Carlos Cagliari e à Dra. Maria Bernadete Abaurre, pela disposição em discutir comigo os teóricos e por várias sugestões de análise.
- A todos aqueles que sempre apoiaram meu trabalho, compreendendo minha ausência, por causa das viagens e cuidando de Laura, minha filha; José e Myltes Arthur Martins (meus pais), Sylvio Lisboa Fargetti (meu marido), Zulma Lisboa (minha sogra) e outros parentes e amigos (a quem peço desculpas por abreviar esta lista de nomes).
- A meus amigos, companheiros de equipe e ao mesmo tempo principais colaboradores nos inúmeros problemas de ordem prática: Raquel Guirardello, Maria do Carmo Medeiros, Mitzila Isabel Ortega Mujica, Mary Márcia Guedes, Luciana Dourado e Ludoviko Santos.

- À CAPES, pela bolsa de estudos concedida durante o curso de Mestrado; à FAPESP, pela bolsa de estudos suplementar e pelo auxílio à pesquisa (viagens); ao CNPq e ao FAEP-UNICAMP, pelo auxílio à pesquisa (viagens).

- À NUTRICIA, pela doação de suprimentos alimentícios para a segunda viagem.

- À FUNAI, particularmente ao setor 'POXIN', pela permissão e colaboração para a entrada no Parque Indígena Xingu e realização da pesquisa.

CAPA: Reprodução de desenho feito em banquinho de  
madeira zoomorfo; Autora: Xotã, esposa do  
chefe Karadídi.

## RESUMO

Este trabalho constitui uma primeira análise fonológica da língua Jurúna (família Jurúna, Tronco Tupi).

Pretende contribuir para o conhecimento da língua e para estudos comparativos posteriores (históricos e tipológicos), razões pelas quais é apresentada quantidade grande de exemplos.

A Introdução contém considerações referentes ao trabalho de campo (metodologia), dados, informantes e modelo teórico adotado na análise fonológica (fonêmica).

O capítulo 1. traz informações sobre o povo jurúna, sua língua, bem como a situação lingüística na comunidade.

No capítulo 2. são apresentados o inventário e a distribuição dos sons consonantais e vocálicos da língua.

O capítulo 3. subdivide-se em: I Fonologia Segmental e II Fonologia Suprasegmental (tom e acento). Na primeira parte são apresentados os fonemas consonantais e vocálicos, incluindo ainda uma discussão sobre a propagação da nasalidade e a distribuição dos fonemas na sílaba e na palavra.

**AUTORA:** Cristina Martins Fargetti.

**ORIENTADORA:** Prof. Dra. Lucy Seki.

ÍNDICE

0.	INTRODUÇÃO.	3
CAPITULO 1.	O Povo Jurúna e sua Língua.	
1.1.	Dados Etnográficos.	8
1.2.	A Língua Jurúna.	15
1.3.	Situação Lingüística.	18
CAPITULO 2.	Fonética-Inventário e Distribuição dos Sons	27
2.1.	Contóides.	29
2.2.	Vocóides.	49
CAPITULO 3.	Fonologia.	
I -	Segmental.	
3.1.	Distribuição Complementar e Variação Livre.	59
3.2.	Oposição.	70
3.3.	Quadros de Fonemas.	90
3.4.	Propagação da Nasalidade.	92
3.5.	Distribuição dos Fonemas.	96
II -	Suprasegmental	
3.6.	Tom.	101
3.7.	Acento Lexical.	110
CONCLUSÃO.		113
BIBLIOGRAFIA.		114

ABREVIACÖES E SÍMBOLOS

C	Consoante
V	Vogal
V:	Vogal Longa
[ ]	Escrita Fonética
/ /	Escrita Fonémica
\$	Fronteira de sílaba
#	Fronteira de palavra
'	Acento de intensidade
'	Tom alto
-	Tom médio
\	Tom baixo
∪	Tom ascendente
∩	Tom descendente
~	Em variação com

## INTRODUÇÃO

Meu objetivo no presente trabalho é apresentar um estudo fonológico do Jurúna tendo em vista contribuir para o conhecimento desta língua indígena, que até o momento não foi objeto de qualquer estudo científico.

Iniciei meus estudos sobre a língua Jurúna em 1989, quando passei a participar do "Projeto de Documentação e Descrição das Línguas do Parque Indígena Xingu", sob orientação da Profa. Dra. Lucy Seki. Havia ingressado, nessa época, no curso de Mestrado em Linguística no I.E.L., UNICAMP.

Realizei minha primeira viagem ao campo em 1989, acompanhada pelas outras integrantes da equipe do Projeto e pela Profa. Dra. Lucy Seki. Permaneci entre os Jurúna por 16 dias, podendo contar em campo com a supervisão da orientadora do Projeto, embora por poucos momentos devido à quantidade de lugares a serem visitados por ela, em supervisão, principalmente, ao trabalho das demais pesquisadoras.

Tal primeira experiência em campo foi excelente pelos conhecimentos práticos adquiridos quanto à metodologia de trabalho com informantes, pelos primeiros dados coletados e pelo bom relacionamento conquistado entre os Jurúna.

Por razões particulares, somente em julho de 1991 pude retornar ao Xingu, juntamente com a equipe, para dar prosseguimento à coleta e análise de dados sobre a língua.



Nessa ocasião, também pude iniciar uma pesquisa sociolinguística, de etnografia da comunicação, entre os Jurúna (cf. capítulo 1 e Fargetti, 1991).

Essa segunda permanência em campo, que abrangeu um período de 23 dias, foi ainda mais produtiva, pois permitiu-me coletar grande número de dados, conferir transcrições fonéticas anteriores, confirmando ou reanalisando dados já transcritos; o que possibilitou-me uma maior segurança quanto à análise que me propus fazer.

O trabalho se baseia exclusivamente em dados por mim coletados junto aos informantes no decorrer das referidas viagens. Não são levados em consideração, portanto, os dados constantes nas listas de palavras, coletadas por não-linguistas, mencionadas no capítulo 1.

Na coleta dos dados utilizei alguns questionários que constituem "repertório" comum a praticamente toda pesquisa na área, o que permite pontos de comparação com as mais diversas línguas indígenas da América do Sul. São eles: "Formulário Padrão do Museu Nacional" e "Questionário Gramatical do SAILDP (Projeto de Documentação das Línguas Indígenas da América do Sul)". A aplicação dos questionários sofreu modificações (ordem e apresentação dos itens) de acordo com os meus objetivos em cada etapa da coleta de dados. Além disso, utilizei questionários elaborados por mim, e, na confirmação de itens lexicais referentes à fauna e à flora, contei com dois álbuns de fotos de Haroldo Palo Jr. (100 fotos em cada álbum): Amazônia e Pantanal, ADAG, 1991. Dois exemplares dos referidos álbuns foram doados aos Jurúna.

O corpus disponível inclui itens lexicais, enunciados e vários tipos de textos (narrativos, procedurais, etc). Na coleta, os dados foram transcritos diretamente e também gravados, o que possibilitou revisões posteriores.

Apesar da facilidade de audição dos dados proporcionada pelas referidas gravações, pude comprovar que, na verdade, os melhores, os mais confiáveis registros de dados foram aqueles obtidos através da transcrição fonética realizada em campo junto aos informantes.

No trabalho com os informantes utilizei, principalmente, a metodologia sugerida por Kibrik (1977) e por Lucy Seki (em comunicação pessoal). Contribuiu também para o bom relacionamento conquistado entre os Jurúna o conhecimento prévio da literatura disponível de cunho antropológico - basicamente Oliveira (1970).

Atuaram no fornecimento de dados propriamente lingüísticos as seguintes pessoas: Ajihá (tem aproximadamente, 30 anos lê e escreve bem em português; é professor de português), Tarinú (tem, aproximadamente, 35 anos; lê e escreve bem em português; é professor de português), Lahuseá (tem, aproximadamente, 35 anos; principal intermediário Jurúna junto à civilização branca; lê em português), Farí (tem, aproximadamente, 21 anos; lê e escreve em português com certa dificuldade); nesse aspecto, também auxiliaram, em menor proporção, as seguintes pessoas: Dukaré (tem, aproximadamente, 19 anos; lê e escreve em português com certa dificuldade; é monitor de dentista) e Čerečedé (tem, aproximadamente, 25 anos; lê e escreve razoavelmente bem em português; é professor de matemática).

6

Ajihá e Tarinú auxiliaram-me, inclusive, no controle das variações observadas na fala de informantes mais jovens e de mulheres, e na confirmação dos dados relativos a tom fornecidos por Parí. No fornecimento de dados a respeito de questões do uso da língua atuaram as seguintes pessoas: Bisaká (é considerado antigo "guerreiro" da aldeia; tem mais de 70 anos), yawadá (única informante mulher; tem aproximadamente 23 anos; consegue expressar-se com desembaraço em português; é ex-esposa de um Kayapó) e Ajihá. As narrativas míticas foram fornecidas por Karadidi (chefe/"capitão" da aldeia; tem mais de 60 anos) e seu filho Tarinú.

O modelo utilizado nesta análise é o fonêmico, basicamente Pike (1971) e (1972). Tal modelo, embora criticado por muitos devido ao seu aspecto mecanicista, mostra-se eficiente no tratamento de línguas ainda não estudadas, como é o caso do Jurúna, uma vez que seus "procedimentos de descoberta" dinamizam o trabalho de pesquisa e apontam para resultados confiáveis. Além disso, de uma forma ou de outra, é sempre precursor de análises montadas em modelos teóricos de outro tipo). Portanto, ao adotar a fonêmica como modelo teórico para a minha análise tenho em mente um tratamento acurado dos dados de que disponho e que servirá, não só, (1) como ponto de partida para análises posteriores da língua que envolvam, inclusive, modelos teóricos diferentes, mas (2) que possa também servir a finalidades práticas da comunidade como, por exemplo, a elaboração de materiais didáticos.

Como metodologia no tratamento dos dados lingüísticos utilizo, portanto, os referidos "procedimentos de descoberta". Quanto à aplicação de tal metodologia com relação ao tom veja-se o capítulo 3, em que são apresentados alguns problemas na utilização da abordagem pikeana.

Em sua estrutura, além desta introdução, este trabalho inclui três capítulos e uma conclusão. O primeiro capítulo contém informações de natureza geral sobre o povo Jurúna e sua língua. O segundo capítulo é dedicado à fonética e o terceiro capítulo trata da fonologia segmental e suprasegmental.

## 1. O POVO JURUNA E SUA LÍNGUA

### 1.1. DADOS ETNOGRÁFICOS

#### 1.1.1. LOCALIZAÇÃO - Primeiras notícias, migrações.

Os índios Jurúna vivem atualmente na aldeia Tubatuba na margem esquerda do Rio Xingu, na região Central do Parque Indígena do Xingu (MT), entre o Posto Indígena Diauarum e a BR-60.

Data de 1625 a primeira notícia sobre os Jurúna, informando sobre sua localização em uma ilha entre o Pacajá (Portel) e o Parnaíba (Xingu), nas proximidades da foz deste último, ou seja, ao norte do atual estado do Pará. (Parente, 1874, apud. Oliveira, 1970). Há indícios, inclusive em narrativas míticas, de que, anteriormente, os Jurúna habitavam às margens do Rio Amazonas. Tais narrativas míticas apontam também a migração do grupo do Amazonas para o Xingu.

A partir do século XVII, os Jurúna sofreram o assédio de missionários e de expedições de resgate, que tentaram catequizá-los ou escravizá-los, em consequência, iniciaram um movimento migratório, rumo ao sul. Durante essa migração feita em etapas, subindo o Rio Xingu, os Jurúna mantiveram relações, via de regra hostis, com grupos indígenas que habitavam a região, como os Kayapó, Suyá, Trumái e outros.

Steinen (1942) menciona que em 1884 grupos Jurúna se encontravam no médio Xingu, e Coudreau (1997) indica para eles esta mesma localização, em 1896 (apud. Oliveira 1970). No começo deste século, devido ao avanço de seringueiros na região, os Jurúnas recuaram mais para a montante do rio Xingu,

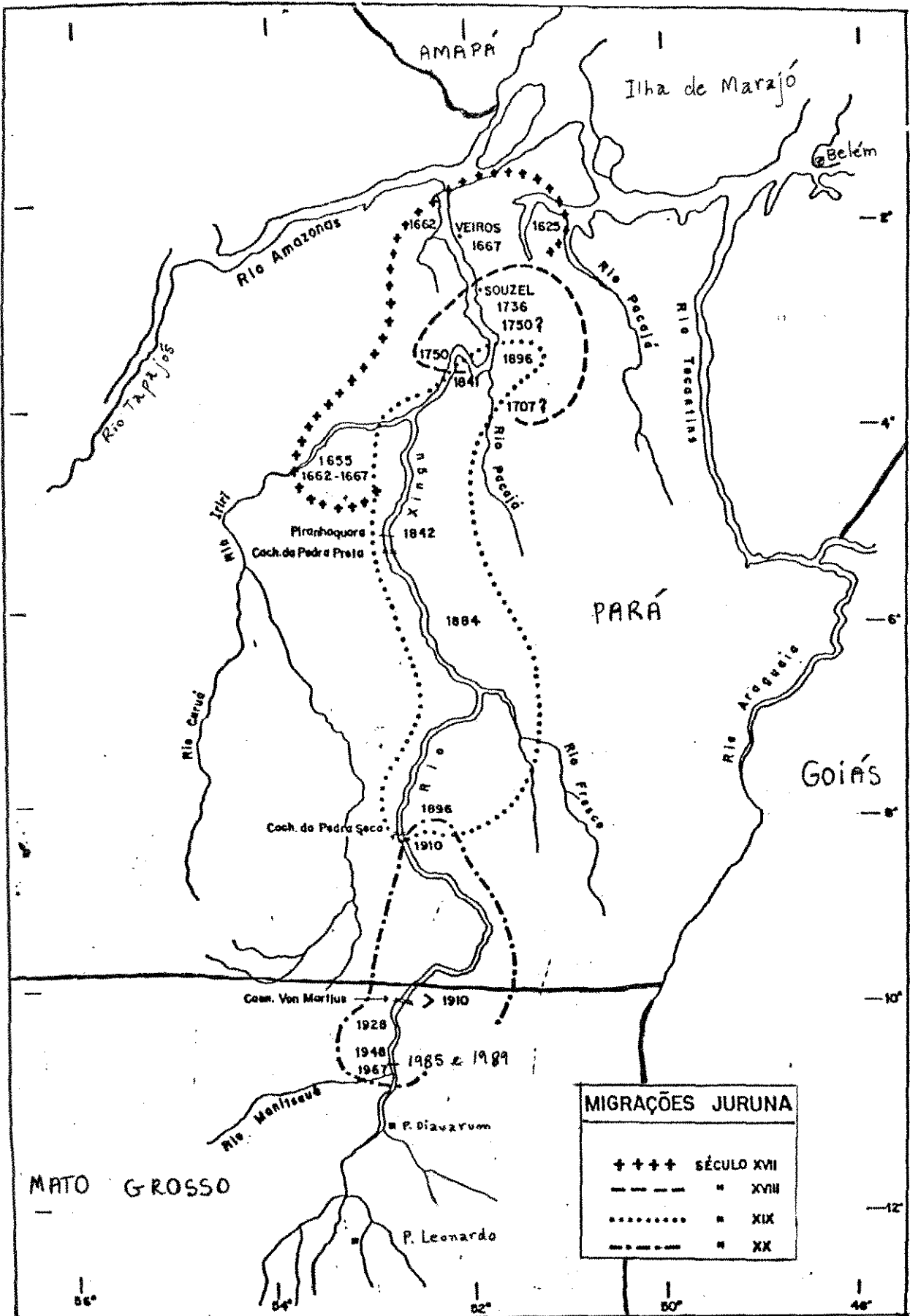
estabelecendo-se nas proximidades da cachoeira Von Martius (Nimuendaju, 1948). Quando entraram em contato com os irmãos Vilas Boas, em 1948, encontravam-se junto à foz do Rio Mani-tsawá, e desde então permanecem aproximadamente nessa mesma região, em área vizinha ao atual Posto Indígena Diauarun.

Em 1966, quando visitados por A.D. Oliveira, os Jurúna tinham sua população distribuída em duas aldeias: a de Bibina e a de DAA, sendo que um ano depois estavam concentrados somente na primeira (Oliveira, 1970).

Segundo o informante Tucã (também chamado de Fichãnhã e ou "Rolinha"), em relato feito a mim em 9/7/91, a fundação da aldeia atual, TUBATUBA, data da época em que se mudaram do Mani-tsawá, para a atual localização, o que ocorreu em 1961. Por ocasião dessa mudança, motivada pela busca de melhores terras para plantio, Tucã e outros Jurúna se separaram do grupo e fundaram uma outra aldeia mais abaixo de TUBATUBA, denominada aldeia Saúva. Lima (1986) encontrou-os, em 1985, nessa situação.

Em 1988, os Jurúna concordaram sobre a conveniência política da reunião do grupo em uma só aldeia, e fixaram residência na aldeia Tubatuba, local em que os visitei em 1989, e em 1991. Essa aldeia contava, em 1991, com 12 casas dispostas, em sua maioria, de frente para a margem do Rio Xingu, ou seja, em posição paralela ao leito do rio, em, basicamente, três fileiras de construções. Não há um estilo único de construção, o que já havia sido notado por Oliveira (1970) e, mais recentemente, por Lima (1986).

Para um melhor entendimento da localização atual dos Juruna e de suas migrações registradas desde o século XVIII, apresento a seguir um mapa e uma legenda (de autoria de Oliveira (op.cit.) e reelaborados por mim) com as localizações mais precisas. (1)



FONTES: - Oliveira, 1970 (p. 17)

- Atlas Barsa, 1980, Chicago: Encyclopedia Britannica (pp. 250-2)

- Lima, 1986.

- Fargetti, 1991.



LEGENDA: (Dados retirados da sinopse mais detalhada de Olivei-  
 ra (1970, p.26 e 27), de Lima (1986) e de Fargetti  
 (1991))

<u>ANO</u>	<u>FONTE</u>	<u>LOCALIZAÇÃO</u>
1625	Maciel	Ilha entre o Pacajá e o Xingu
1655	Betendorf	Rio dos Jurúna (Irirí)
1662	Heriarte	Foz do Xingu
entre 1662 e 1667	Betendorf	Rio dos Jurúna (Irirí)
1667	Betendorf	Missão do Baixo Xingu
1707	Fritz	Baixo Xingu - provavelmente no afluente do Rio Xingu cha- mado Pacajá.
1736	Leite	Aricari (Sousel)
1750	Moraes	30 léguas, Xingu acima
1841	Adalbert	Tavaquára ("Missão da Impera - triz").
1842	Adalbert	9 aldeias entre Tavaquára e Fi- ranhaquára (1 hora para cima desta última).
1884	Steinen	Entre Pedra Preta (acima de Pi- ranhaquára/lat.4'40'S) e um pouco abaixo de Pedra Seca (lat 8'30'S)
1896	Coudreau	Entre Praia Grande e Pedra Se- ca, Cachoeira Jurucúá.
1910	Nimuendaju	Pouco abaixo de Pedra Seca.
pouco depois de 1910	Oliveira	Cachoeira Von Martius.
1928	Nimuendaju	Afluente da margem esquerda do Xingu, pouco acima da Ca- choeira Von Martius.

1948	Chateaubriand	Pouco abaixo da Foz do Manitsawá.
1966 e 1967	Oliveira	Proximidades do Manitsawá.
1985	Lima	Pouco abaixo da Foz do Manitsawá (em duas aldeias).
1989 e 1991	Fargetti	Pouco abaixo da foz do Manitsawá (em uma única aldeia).

### 1.1.2. - POPULAÇÃO E CULTURA.

As migrações e contactos com elementos índios e não-índios refletiram-se profundamente no grupo Jurúna. Em decorrência de mortes em conflitos (ou que se deveram a enfermidades adquiridas dos brancos) e da assimilação à população cabocla, houve uma drástica redução populacional (Galvão 1948). Assim, em 1948, os irmãos Vilas Boas encontraram apenas 45 Jurúnas, ao passo que em 1842, quando da visita do Príncipe Adalbert da Prússia, a população do grupo era calculada em 2.000 indivíduos (Adalbert, 1849) (Nimuendaju (1948) discorda desse total; o informante do número, segundo ele, era um frade que cometia exageros). ] Conforme o censo por mim realizado em julho de 1991, com o auxílio do informante Dukaré, a população Jurúna totalizava na ocasião 126 indivíduos. Observa-se que, em geral, não são tidos como Jurúna os índios de outros grupos casados com homens e mulheres Jurúna; porém, os indivíduos oriundos de tais uniões são considerados Jurúna.

1

A comparação de meus dados com os de outras fontes mostra que tem havido um relativo aumento populacional: a população Jurúna era estimada em 58 indivíduos, em 1967 (Oliveira, 1970) e em 101, em 1987 (Escola Paulista de Medicina, 1987). (2)

Em sua quase totalidade os representantes Jurúna atuais têm ascendência miscigenada. Já no final da década de 60, Oliveira (1970) observava que os Jurúna do Diauarum, com apenas uma exceção, eram descendentes de uniões envolvendo elementos de outros grupos indígenas (Kamaiurá, Kayabi, Suyá, Takufape, Trumái, Xipáya, etc) e também elementos de origem africana e européia.

Observava ela também que todos os contatos mantidos pelos Jurúna refletiram-se em alterações na cultura do grupo, sem, no entanto, descaracterizá-la. O grupo havia preservado os elementos básicos de sua cultura tradicional e a sua língua.

Comparando minhas observações com as descrições pormemorizadas da referida autora, bem como de Nimuendaju (1948), Cou-dreau (1977) e Adalbert (1977), reafirmo tais constatações, no que têm de mais geral. Assim, admitidas as influências de alguns costumes de outros povos, xinguanos ou não, bem como inegáveis mudanças na língua - sistema ativo e mutável que é - de maneira geral, pode-se afirmar que os Jurúna preservam realmente o que é chamado de cultura tradicional (disposição de aldeia, indumentária, adornos, atividades de subsistência, cestaria, cerâmica, família, chefia, etc) e também sua língua (cf.1.2.1.).

A documentação e descrição desta constitui o meu objetivo primeiro.

## 1.2. - A LÍNGUA JURUNA.

### 1.2.1.- CLASSIFICAÇÃO E JUSTIFICATIVA DE DOCUMENTAÇÃO E DESCRIÇÃO.

Não obstante os Juruna terem estado em contacto com europeus desde longa data, e não obstante terem despertado o interesse por parte dos antropólogos, a língua Juruna não foi, até hoje, objeto de um estudo científico e sistemático. Os poucos materiais conhecidos sobre a língua são listas de palavras anotadas por geógrafos (Coudreau, 1977) ou antropólogos (como Steinen, 1942, Nimuendaju, 1977) e o vocabulário padrão parcialmente preenchido por Collins (1962).

Com base nas mencionadas listas de palavras (com exceção de Collins), o Juruna foi reconhecido como uma língua do tronco Tupi, constituindo uma família, a Juruna, juntamente com duas outras línguas daquele tronco - o Manitsawá e o Xipáya - (Rodrigues, 1986). Nenhuma língua da família Juruna foi convenientemente estudada. Sobre o Manitsawá, já extinto, conhece-se apenas uma pequena lista de itens lexicais anotada por Steinen (1942), e sobre o Xipáya há listas de palavras e notas

gramaticais feitas por Nimuendajú (1932). Cabe observar que até recentemente também o Xipáya era considerado extinto (Rodrigues, 1986). Contudo alguns representantes do grupo foram localizados na cidade de Altamira, no Pará e, em 1988, C. Rodrigues (1990) iniciou com eles uma pesquisa. (3)

As línguas da família Jurúna eram tidas erroneamente como línguas "impuras" da família Tupi-Guarani (Rodrigues, 1955). Assim, Loukotka (apud Oliveira, 1970b: - 13) qualificou-a como língua Tupi mesclada com Aruak, e Nimuendajú (1948) separou-a, juntamente com o Xipaya, o Manitsawá, e possivelmente o Arupai, em um grupo especial de línguas Tupi - "impuras". Na opinião de Nimuendajú, a língua Jurúna apresenta quatro componentes: (1) uma base Tupi, (2) influências do Aruak, (3) influências das línguas Caribe, e (4) empréstimos da Língua Geral (Nimuendajú, 1948, p.215).

O critério utilizado por Rodrigues (1955) para o reconhecimento da família Jurúna foi a escala de base estatística proposta por Swadesh: o menor ou maior grau de afinidades entre as línguas (dialeto-família-tronco-"phylum") será determinado pela porcentagem de termos cognatos. Comparando estatisticamente listas de palavras das três línguas mencionadas com listas de línguas comprovadamente Tupi-Guarani, chegou à conclusão de que o Jurúna, o Manitsawá e o Xipaya têm parentesco com as línguas da família Tupi-Guarani somente a nível de tronco (Tupi), não podendo ser chamadas de línguas Tupi-Guarani "impuras", constituindo-se então uma família distinta, a família Jurúna.

Por ter contado como fontes somente as referidas listas de palavras, tal análise pode ter suas conclusões confirmadas, como é de se esperar, ou modificadas de acordo com análise de novos materiais sobre a língua Jurúna. Então, algumas conclusões poderão ser tiradas a respeito da questão:

- Jurúna e Xipaya teriam sido dialetos de uma mesma língua?

Em uma análise prévia das listas mencionadas, comparando-as à lista mais recente de Collins (1962), e aos meus dados, noto que constituem, certamente, exemplos de uma variante do Jurúna mais antiga (talvez exemplos do que o informante Tari-nú chamou de " língua dos Jurúna antigos ", e que ainda é, segundo ele, conhecida por alguns Jurúna mais velhos). Uma comparação de tais dados com dados disponíveis do Xipaya antigo e atual talvez pudesse lançar luzes sobre a questão.

A necessidade, exposta acima, de reanálise do parentesco entre as referidas línguas aponta para uma contribuição deste trabalho à linguística comparativa (tipológica e histórica), e, mais amplamente, para a teoria linguística em geral. Esta relevância científica é apontada em Seki, 1988 e Rodrigues, 1987. Além disso, como mostrarei a seguir, o estudo do Jurúna apresenta um interesse muito grande, do ponto de vista social, uma vez que o ensino bilingüe é uma das reivindicações dos próprios Jurúna e, pelo que foi demonstrado até agora, é aprovado e incentivado pela administração do P.I.X.

### 1.3. - SITUAÇÃO LINGUÍSTICA.

#### 1.3.1. - A QUESTÃO DA IDENTIDADE ÉTNICA NA REFLEXÃO SOBRE A LINGUA.

Com respeito à questão que particularmente me interessa, a da confirmação ou redefinição do tipo de parentesco existente entre o Xipáya, língua falada pelos índios Xipáya do Pará, e o Jurúna, não pude obter, junto aos informantes, um esclarecimento, uma afirmação que não deixe margem a dúvidas.

Os Jurúna, ao mesmo tempo em que se dizem diferentes dos outros índios e do branco, conforme pude documentar em entrevistas, também se acham semelhantes a todos os seres humanos, o que pude notar em suas narrativas míticas (coletadas também, embora em versões diferentes, por Oliveira (1970) e Lima (1986)), e em especial na definição do herói-mítico: Cinaã: "o pai de todos nós". Uma dessas narrativas vem transcrita a seguir.

#### " TENTATIVA DE MATAR CINAÃ "

Gente sempre pedia carne para Cinaã. Um dia comeram a neta de Cinaã, que era moça, pois estavam com fome. Viajaram, muita gente ia junto com Cinaã. Tentaram matar Cinaã, mas as flechas não penetravam em seu corpo. Cinaã fez assim (batia os socos e fazia barulho de revólver) e os jurúna viraram canoa.

Quem queria matar Cinaã virou branco, quem seguiu Cinaã virou jurúna. Para o homem branco criou cidade, para o jurúna criou mato.

(versão coletada por mim, com o informante Karadindi, chefe jurúna, em 09/08/89).

Portanto, Cinaã é o pai de todos os seres humanos, que, a princípio, eram todos iguais. As diferenciações começam a existir quando grupos de seres humanos se rebelam contra Cinaã: surgem primeiramente os brancos, por oposição aos jurúna; e dos grupos que se separam dos jurúna surgem os índios "bravos" e os demais grupos indígenas. Assim, os que "seguiram Cinaã", os que "ficaram junto com Cinaã" tornaram-se jurúna e falaram a língua jurúna; os que "não seguiram Cinaã" tornaram-se brancos ou outros índios, falando línguas diferentes. Mas, mesmo assim, Cinaã continua sendo para os jurúna "o pai de todos nós", índios e não-índios.

Esta situação aparentemente paradoxal envolvendo a identidade étnica (ser e não-ser jurúna) no discurso sobre ela se estende para considerações metalingüísticas. Se, por um lado, no contexto do discurso de igualar-se/mostrar-se semelhante a todos os povos, encontrei, por vezes, testemunhos de que Xipáya e Jurúna são línguas muito parecidas e até mesmo são a mesma língua, por outro lado, quando no contexto de mostrar as peculiaridades/diferenças que caracterizam os jurúna encontrei tão somente a afirmação de que Xipáya e Jurúna são completamente diferentes e que, inclusive, não há qualquer entendimento entre os falantes das duas línguas, que, além disso, não se consideram parentes.

Está em questão aí, e a meu ver muito claramente, o fato de que a distinção entre as línguas, quando feita, não se baseia em critérios puramente lingüísticos, mas sim em critérios históricos e políticos. Obviamente, um estudo sistemático comparativo das duas línguas poderá lançar luzes sobre a questão, sem



que o critério estritamente lingüístico seja tido como a "última palavra".

### 1.3.2 - DISTRIBUIÇÃO DO BILINGÜISMO/MONOLINGÜISMO NA ALDEIA TUBATUBA.

Mencinei anteriormente (1.1.2) que há casamentos interétnicos no povo Jurúna. Tais casamentos levam ao conhecimento de outras línguas indígenas e à utilização, embora não por muito tempo, do português como língua na comunicação entre os cônjuges. O conhecimento do português deve-se ao contato, de longa data, com os brancos. Entretanto, entre os próprios Jurúna raramente se usa o português, geralmente só se fala Jurúna, e indivíduos de outros grupos são obrigados mesmo, como mostrarei a seguir, a aprender a língua Jurúna e a utilizá-la enquanto residentes na aldeia.

O uso do português é bem limitado a determinadas situações:

- conversar/discutir com brancos.
- conversar/discutir com índios de outras comunidades, que não entendam absolutamente nada em jurúna.
- falar no rádio (se vão conversar com pessoas jurúna podem usar o português ou a língua jurúna; no caso das mulheres, elas só falam no rádio com parentes e utilizando a língua jurúna).

Até 7 - 8 anos, aproximadamente, as crianças são monolíngues, aprendem somente a língua materna, Jurúna. A partir dessa idade, contudo, parece haver uma distinção: os meninos são mais incentivados a aprender o português. Isso pode ser comprovado mesmo na distribuição das aulas na escola (cf. descrição a seguir): as meninas estão começando a ser alfabetizadas e aprendem matemática

juntamente com a aula de português; já os meninos encontram-se mais adiantados já sabendo ler e escrever, chegando a copiar e a ler textos, contando, inclusive, com uma aula de matemática à parte. Parece ter havido uma tentativa de ensino para as mulheres adultas e casadas, mas, segundo relato de uma delas - Yawadá, ex-mulher de Kayapó - as aulas terminaram devido a críticas dos próprios maridos que achavam que elas perdiam tempo com isso.

Crianças de outras comunidades, como as filhas de Bediái, que se encontravam em Tubatuba, parecem ser plurilingües: além da língua materna (Kayapó), falam português, e um "pouco", segundo dizem, de jurúna. Os estrangeiros parecem mesmo ser sempre incentivados a aprender e usar a língua jurúna. Geralmente, mulheres e crianças, embora consigam, não se dirigem a estrangeiros em português.

À primeira vista, as mulheres que se casam com homens de outra comunidade apresentam uma maior compreensão e um maior uso do português que as demais mulheres jurúna. Contudo, medir o seu grau de bilingüismo pela sua "performance" não é uma coisa tão tranquila, pois me parece uma explicação um pouco óbvia demais. Além disso, há, também, a questão das mulheres jurúna, classificadas pela sua "performance" como menos bilingües, que, segundo relato de seus próprios maridos, sentem "vergonha" de falar português; apesar de não falarem, teriam "competência" em português? Como medir, então, o bilingüismo? Como poder afirmar quem é mono-língue? Estas questões, pelo visto, requerem maiores considerações teóricas e metodológicas do que uma simples escolha aleatória. Ficam, obviamente, em aberto por enquanto.

Com respeito aos homens jurúna, parece haver somente dois casos de comprovado monolinguismo: dois homens de mais de trinta anos, considerados pelos demais como "surdos". Para os jurúna, a "surdez" explicaria a não aquisição do português, contudo, pude notar que ambos ouvem muito bem quando lhes falam em jurúna mesmo em voz bem baixa. Conforme observou a Profa. Lucy Seki, em comunicação pessoal, em muitas línguas indígenas "não escutar" corresponderia a "não entender" uma determinada língua; assim, "surdez" = "desconhecimento de determinada língua". Os dois homens referidos não seriam, portanto, surdos mas sim monolíngues. No geral, contudo, os homens jurúna são bilíngues, não apresentando dificuldades para a compreensão do português. Há, inclusive, seis ou sete homens adultos que lêem e escrevem em português.

Existe na aldeia Tubatuba uma escola onde se ensina somente o português, além de matemática (mas não a língua indígena). Trata-se de uma casa, que faz também as vezes de enfermaria e rádio, de construção pouco semelhante aos padrões jurúna, pois já emprega "eternit" como telhado e possui configuração retangular. As aulas, na medida do possível, são diárias, contando com três professores jurúna: Adihá, Tarinú e Paxikú. O primeiro alfabetiza em português as meninas de 7 a 14 anos; o segundo dá aula de português para os meninos e adolescentes (não há distinção, pelo observado, entre ensino para os que estão começando a aprender, e para os que já têm maiores conhecimentos de português); e o último dá aulas de matemática para os meninos e adolescentes. Em todos os casos é utilizada a língua Jurúna para a comunicação entre professor e aluno. Na alfabetização, e mesmo para soletrar as palavras ditadas os jurúna utilizam o código do rádio.

Este parece ser um procedimento idealizado pelos próprios jurúna, (tenho gravada uma aula de alfabetização em que aparece tal procedimento).

Cumpra observar que os professores Jurúna não têm contado, em seu trabalho, com nenhuma assistência por parte da FUNAI ou de qualquer outro órgão. Contudo, têm reivindicado:

1) Cursos de formação junto aos professores já existentes e 2) o ensino bilingüe. Esta última, contudo, subordinada aos avanços na descrição da língua jurúna, da qual me ocupo atualmente.

### 1.3.3 - QUESTÕES SOBRE DIGLOSSIA E BILINGÜISMO.

Como mostram os fatos descritos acima, na aldeia Jurúna existe uma situação de uso do português e do Jurúna que poderia ser classificada como diglossia. Tal situação, conforme argumentarei a seguir, não deve ser definida como propõe a sociolinguística catalã e mexicana, como situação de "línguas em conflito", como processo conflitivo histórico de mudança necessária de uma língua a outra, com substituição e normalização como processos de eliminação inevitável de uma das línguas. Segundo Kremnitz "(...) les sociolingüistes catalans ont dynamisé le concept de diglossie qui, au début, et dans les termes de Ferguson, était conçu comme assez statique. Ils ont ainsi le mérite d'avoir montré ses aboutissements possibles: ou bien la normalisation de la langue dominée et la disparition de la langue jadis dominante dans un espace donné, ou bien la disparition de la langue dominée et sa substitution définitive dans l'espace en

question. " (Kremmitz, G. " La sociolinguistique dans les etats français et espagnol". in Ditmar 1982, p.23). Obviamente, há que se considerar as diferenças de situação, quanto ao caso específico, em cada comunidade pesquisada, ou seja, Espanha e México, por exemplo, apresentam comunidades com situação política, histórica e lingüística completamente diferentes daquela existente na comunidade Jurúna do Brasil.

A distribuição de línguas (português e jurúna) entre os jurúna parece estável, sem conflito, pois não há contacto entre a comunidade Jurúna e os "brancos", e não há situação de bilingüismo massivo, existindo falantes monolíngües em Jurúna.

Felos relatos de Karadidi, já no tempo de seu pai, Bibina, a situação era semelhante à atual: Bibina, como homem e chefe da tribo falava português com relativa fluência, mas os demais Jurúna não. Isto não seria um indicio de continuidade do processo de diglossia existente? Dos tempos de Bibina até os dias de hoje, os contatos se intensificaram e, segundo Karadidi, aumentou também o número de homens que sai da aldeia com objetivo de estabelecer comércio com a comunidade branca mais próxima, mas, ainda há monolíngües em língua Jurúna, e as mulheres continuam falando muito pouco o português. Isto leva a crer em uma certa estabilidade. Mas, mesmo que os contatos aumentem e mais pessoas falem português com mais frequência, podemos afirmar que há uma tendência de perda da língua jurúna, de deslocamento total? Não há evidências suficientes para isso. Pelo que se conhece da história do povo, ele oferece sempre uma forte demonstração de resistência cultural e lingüística.

Essa aparente estabilidade notada na distribuição do uso das línguas - Jurúna e português -, contudo, não me leva a crer na inexistência da diglossia. Se a situação dos jurúna fosse a de que qualquer jurúna (independente de sexo, idade, função social) pudesse ser bilingüe em situações de contato como comércio, visita de médicos e de outros índios, etc., se dentro da comunidade nunca se usasse outra língua que não fosse o jurúna, enfim, se não houvesse implicações de ordem social para o uso de língua(s) diferente(s) dentro da comunidade jurúna, poderia arriscar a dizer que não há diglossia e sim somente bilingüismo. Mas, obviamente, a situação não é essa, como comprova a distribuição do bilingüismo/monolingüismo na aldeia, descrita anteriormente.

À meu ver, a distribuição do português e da língua Jurúna configura uma situação de diglossia nos termos de Fishman (1967). O conceito de diglossia desse autor prevê uma certa estabilidade para a situação de contato entre duas línguas. Segundo Fishman, diglossia remete à função social das variedades numa comunidade de fala e bilingüismo remete à aquisição e uso de duas línguas por um indivíduo. O termo "variedades" refere-se tanto a variantes de uma mesma língua quanto a línguas diferentes (ampliação do conceito de Ferguson, que considerava em situação diglósica somente variantes de uma mesma língua). Como consequência de tal proposição, Fishman levanta quatro possibilidades teóricas: 1) - diglossia com bilingüismo; 2) - diglossia sem bilingüismo; 3) - bilingüismo sem diglossia; e 4) - nem diglossia, nem bilingüismo (somente para esta última possibilidade não apresenta exemplos concretos). Conforme minhas observações anteriores, a situação do Jurúna enquadra-se no tipo (1) (diglossia com bilingüismo).

Creio que assumir o termo diglossia significando "contato" entre línguas ao invés de "conflito", não implica, é óbvio, em neutralidade do ponto de vista político, nem fecha a questão para a comunidade jurúna. Mas talvez seja melhor do que assumir um "conflito" e acabar dizendo que a tendência futura, contrariando toda a história de resistência do povo, mesmo em face a brutal decréscimo populacional (eram 58 indivíduos em 1967), será a de que o Jurúna seja substituído pelo português definitivamente, ou seja, que haja um "desaparecimento" da língua indígena; isto seria um determinismo indesejável e sem fundamento, a meu ver.

Como opção teórica, portanto, tomo o ponto de vista de Fishman (1967). Mas, apesar da adoção de modelo teórico adequado, as conclusões apresentadas são de natureza preliminar e deverão merecer um tratamento mais aprofundado em estudos posteriores.

## 2. INVENTÁRIO E DISTRIBUIÇÃO DOS SONS.

Apresento a seguir uma descrição dos sons consonantais e vocálicos da língua, bem como sua distribuição. Para a referida descrição utilizei, basicamente as definições de Ladefoged (1975).

Em minha transcrição dos dados utilizava, primeiramente, o Alfabeto Fonético Internacional (IPA), com vistas a uma descrição dos sons da língua precisa e que pudesse ser compreendida pelo maior número de leitores. Contudo, diante da dificuldade de impressão de símbolos pouco usuais (que, futuramente, também poderia ser um problema para a escrita Jurúna), optei pelo alfabeto fonético utilizado por Pike (1971), para transcrever os sons consonantais, ou contóides. Mesmo assim, fiz as seguintes adaptações (o primeiro elemento é do alfabeto de Pike, o segundo é o que propus):  
[ç] → C, [ç̣] → C̣; [ʎ] → [r], [ʎ̣] → [ṛ];  
[ɬ] → [ɬ] (cf. tabela fonética a seguir).

Para transcrever os sons vocálicos, ou vocóides, utilizei o alfabeto usado no "Stanford Phonology Archive", citado por Crothers (in: Greenberg, 1978, p.137).

Exceções: usei [ʌ] para [ɔ] e [ɨ] para [ɛ].



### TABELA FONÉTICA

#### CONTOÍDES

p	t	<u>t</u>				k	?
b	d	<u>d</u>				(g) (4)	
m	n					ŋ	
	ɸ						
	r	ʀ				ɹ	
ʃ		s	ʂ				h
ʒ	ʒ	z					
		dz	ʒ			tʃ	
			ʝ			dʃ	
w	ʍ					ɣ	ʎ

#### VOCÓIDES

i	ɨ	ɪ	u	ĩ	ɨ̃	ũ
ɪ	ɸ		U	ĩ̃	ɨ̃̃	ũ̃
e			o	ẽ	ã	õ
	a					
i:	ɨ:	ɪ:	u:	ĩ:	ɨ̃:	ũ:
ɪ:	ɸ:		U:	ĩ̃:	ɨ̃̃:	ũ̃:
e:					ã:	
	a:					

2.1. CONTÓIDES.

2.1.1. OCLUSIVOS.

[p] Oclusivo bilabial surdo.

Ocorre em posição inicial, e medial de palavra, tanto em sílabas acentuadas como em não acentuadas.

- (01) [ˈpáràhù] ' novo
- (02) [ˈpíçíáʔ] ' cana-brava
- (03) [pàkùˈá] ' banana (genérico)
- (04) [pààːˈpáó] ' cana-de-açúcar
- (05) [páˈkí] ' piranha
- (06) [páˈkúá] ' pacuzinho (peixe)
- (07) [páˈtíá] ' buriti (árvore)
- (08) [páˈtíʔ] ' buriti baixa
- (09) [pᵀːˈríʔ] ' bambu cortado
- (10) [pᵀˈkúʔ] ' apertado
- (11) [pòːˈyú] ' feijão
- (12) [áˈpáʔ] ' pêlo da púbis
- (13) [ápèˈtáʔ] ' sangue
- (14) [áˈpᵀ] ' cachorro
- (15) [táˈpáʔ] ' derramar
- (16) [káˈpᵀrᵀʔ] ' suado, suor

- (17) [kù'p<sup>h</sup>áí?] 'carrapato (grande) '  
 (18) [ìpàdè'tú?] 'pesado '  
 (19) [ʔìpà'k<sup>h</sup>] 'osso, caroço '  
 (20) [ò'rúpé?] 'cogumelo '

[b] Oclusivo bilabial sonoro.

Ocorre em posição inicial de palavra em sílaba não-acentuada, e em posição medial de palavra em sílaba acentuada e não-acentuada.

- (21) [bà'táká?] 'fome '  
 (22) [bì'téhù] 'tudo '  
 (23) [bà'há?] 'caminho, estrada '  
 (24) [bãē'hã?] 'ralador de mandioca '  
 (25) [è'b<sup>h</sup>é?] 'machucado, inchaço '  
 (26) [á'bí?] 'indio '  
 (27) [ìnú'b<sup>h</sup>é?] 'ralador de mandioca '  
 (28) [ʔù'bá?] 'resp. afirm. (fala masculina) '  
 (29) [ìp<sup>h</sup>á'p<sup>h</sup>é?] 'pato do mato '  
 (30) [ìbì'áá] 'corpo (humano) '  
 (31) [kàn<sup>h</sup>bà'rè?] 'camaleão '  
 (32) [kò'pé:bà] 'veado (pequeno) '  
 (33) [kái'bì?] 'ontem '  
 (34) [p<sup>h</sup>bè'ʔé?] 'largo '

[t] Oclusivo dental, surdo.

Ocorre em posição inicial de palavra em sílaba não-acentuada, e em posição medial de palavra em sílaba acentuada e não-acentuada.

- (35) [tá'kũ] ' mutum '
- (36) [tākù'ráré?] ' jabuti '
- (37) [tārì'nũ] ' nome próprio '
- (38) [pá'tá?] ' cobra '
- (39) [A'tá?] ' capivara '
- (40) [pá'té:] ' faz tempo '
- (41) [Àpè'tá?] ' sangue '
- (42) [kòtà'há] ' remo '
- (43) [bá'taká?] ' fome '

[t̥] Oclusivo alveolar, surdo.

Ocorre em posição inicial de palavra em sílaba não-acentuada, e em posição medial de palavra em sílaba acentuada e não-acentuada, sempre contíguo a vocóide alta, em flutuação com [t]. (5)

- (44) [t̥ũ'kʷ?] ~ [tũ'kʷ?] ' anta '
- (45) [pà:'t̥iá] ~ [pà:'tíá] ' murici '
- (46) [?'ì't̥á] ~ [?'ì'tá] ' areia '
- (47) [mè:'t̥i] ~ [mè:'tí] ' socó-boi '
- (48) [kà't̥ʷ?] ~ [kà'tʷ?] ' papagaio '
- (49) [?'è't̥ʷ?] ~ [?'è'tʷ?] ' macuco '

- (50) [ʔi' tũ] ~ [ʔi' tũ] 'beijo'
- (51) [ũ' tũ] ~ [ũ' tũ] 'abacaxi'
- (52) [bi' tẽhũ] ~ [bi' tẽhũ] 'tudo'
- (53) [ũ' táʔ] ~ [ũ' táʔ] 'timbó'

[d] Oclusivo dental sonoro.

Ocorre em posição inicial de palavra em sílaba não-acentuada, e em posição medial de palavra em sílaba acentuada e não-acentuada.

- (54) [kũràdã' dáʔ] 'sapo (esp.)'
- (55) [dã' kã] 'nome próprio'
- (56) [ 'ãdãdã] 'preá'
- (57) [ã' dákã] 'larva'
- (58) [ 'pã:dákũ] 'socar pilão'
- (59) [tã' d'kãʔ] 'jaó'
- (60) [è' dáʔ] 'saúva vermelha'

[d̥] Oclusivo alveolar, sonoro.

Ocorre em posição inicial de palavra em sílaba não-acentuada e em posição medial de palavra em sílaba acentuada e não-acentuada, sempre contíguo a vocóide alta, em flutuação com [d].

- (61) [d̥ũ' ʔãʔ] ~ [dũ' ʔãʔ] 'tatu-bola'
- (62) [d̥ũ' ʔãʔ] ~ [dũ' ʔãʔ] 'tatu (grande)'
- (63) [d̥ũ' sã] ~ [dũ' sã] 'tatu galinha'
- (64) [ũ' d̥ũʔ] ~ [ũ' dũʔ] 'cateto'

- (65) [ò'dúku?] ~ [ò'dúkú?] ' nome próprio '
- (66) [kūdū'dú?] ~ [kūdū'dú?] ' sapo-boi '
- (67) [àrèdì'f?] ~ [àrèdì'f?] ' martin-pescador '
- (68) [àràkàgò'á?] ~ [àràkàdò'á] ' juruva '
- (69) [à'dí] ~ [à'dí] ' ardido '
- (70) [àpì'dú?] ~ [àpì'dú?] ' esmagar/amassar '

[k] Oclusivo velar, surdo.

Ocorre em posição inicial/medial de palavra, tanto em sílabas acentuadas como em não-acentuadas.

- (71) [kái'čà] ' tarde (+ ou - 17:00hs.) '
- (72) [kámé'ná?] ' língua '
- (73) [ká'zá?] ' mato '
- (74) [kò'k'f] ' verão (tempo de seca) '
- (75) [kùrù'á?] ' abóbora '
- (76) [k'ya'dé?] ' dois '
- (77) [k'ri?] ' periquito '
- (78) [kàrù'kā?] ' urina '
- (79) [kà't'f?] ' papagaio '
- (80) [kà'p'čà?] ' sereno '
- (81) [à'ká?] ' casa '
- (82) [m'na'kúrá?] ' açai '
- (83) [mà'kóá] ' algodão '

- (84) [mà'kásù] ' vento '
- (85) [ʔà'kétú] ' verde/azul '
- (86) [dàwà'kí] ' nome próprio '
- (87) [mākū'ru] ' espinho (de planta) '
- (88) [mākà'ʃí] ' milho '

[ʔ] Oclusivo glotal.

Ocorre em posição inicial de palavra em sílaba não-acentuada; em posição medial de palavra em sílaba acentuada e não-acentuada; e em final de sílaba e diante de pausa.

- (89) [ʔà'ʔáʔ] ' morcego '
- (90) [ʔà'ʔáʔ] ' pênis '
- (91) [ʔàʔá'í] ' avó '
- (92) [ʔàʔámʔ] ' avô '
- (93) [ʔà'ʔíʔ] ' aqui '
- (94) [ʔà'ʔí:ʔ] ' pimenta '
- (95) [ʔəʔá] ' chorar '
- (96) [ʔùtá'kúʔ] ' timbó (fraco, de ação mais lenta) '
- (97) [ʔí'ʔá] ' fruta '
- (98) [ʔəpù'ʔáʔ] ' peneira '
- (99) [ʔí'ʔáʔ] ' tracajá '
- (100) [ʔá'wáʔáʔ] ' cará (planta) '
- (101) [ʔə'ʔí'ʔáʔ] ' arbusto '
- (102) [ʔə'ʔíʔ] ' ananás '

- (103) [i'bébé?] 'requeutar'
- (104) [a'ká?] 'casa'
- (105) [a'bí?] 'indio'
- (106) [ʔa'múni?] 'afundar'
- (107) [abèa'ta?] 'roupa'
- (108) [ìbì'díká?] 'sujo, perigoso'



## 2.1.2. NASAIS.

[m] Nasal bilabial, sonoro.

Ocorre em posição inicial e medial de palavra, tanto em sílabas acentuadas como em não-acentuadas.

(109)	[ <sup>h</sup> mẽúʔ]	' mau, bobo, menstruação '
(110)	[mõ'páʔ]	' samaúma '
(111)	[mĩkà'táʔ]	' plantação '
(112)	[mẽ'jĩháʔ]	' facão '
(113)	[mà'kásù]	' vento '
(114)	[màkà'ší]	' milho '
(115)	[mã'díkáʔ]	' lua '
(116)	[mãkõ'ʔíʔ]	' carrapato (esp.) '
(117)	[-nã'mãʔ]	' mama, seio '
(118)	[à'mãñãʔ]	' chuva '
(119)	[à'míáʔ]	' macaco (3) '
(120)	[tã'múmiʔ]	' afundou '
(121)	[tõ'míkù]	' podre '
(122)	[kà'mémãʔ]	' colar, miçanga '
(123)	[à'mí táʔ]	' macaco (6) '
(124)	[ìmà'káʔ]	' namorada dele; criação dele '
(125)	[kamã'déhù]	' noite '
(126)	[ĩ'mãmãʔ]	' selvagem (ele) '

[n] Nasal dental, sonoro.

Ocorre em posição inicial de palavra em sílaba não-acentuada e em posição medial de palavra tanto em sílaba acentuada quanto em não-acentuada.

- (127) [-n<sup>h</sup> 'm<sup>h</sup>ʔ] 'mama, seio'
- (128) [n<sup>h</sup>ɸi 'páʔ] 'trovão'
- (129) [n<sup>h</sup>àsù 'súʔ] 'borboleta'
- (130) [n<sup>h</sup> 'úkáʔ] 'espuma'
- (131) [n<sup>h</sup>ákù 'rúʔ] 'coelho'
- (132) [à 'náí<sup>h</sup>b<sup>h</sup>áʔ] 'estrela'
- (133) [à 'náí<sup>h</sup>ɸù] 'comprido'
- (134) [à 'níáʔ] 'esposa'
- (135) [m<sup>h</sup>im<sup>h</sup> 'náʔ] 'rapazinho-dos-velhos'
- (136) [kòmàtì 'núʔ] 'macaco (5)'
- (137) [àn<sup>h</sup> 'dàʔ] 'gente'
- (138) [à 'm<sup>h</sup>án<sup>h</sup>ʔ] 'chuva'
- (139) [it<sup>h</sup>è 'ník<sup>h</sup>í] 'preto'
- (140) [àn<sup>h</sup> 'bí] 'formigão'
- (141) [à 's<sup>h</sup>án<sup>h</sup>ʔ] 'raposa'

[ŋ] Nasal palatal, sonoro.

Ocorre em posição inicial de palavra em sílaba não-acentuada e em posição medial de palavra tanto em sílaba acentuada como em não-acentuada, precedendo vocóide nasal, em variação com [y].

- (142) [ŋʰbè'ʔéʔ] ' largo '
- (143) [ŋʰlì'nʰʔ] ' anu (pequeno) '
- (144) [ŋŋ'šíhú] ' escova-de-macaco (fruta) '
- (145) [ɿ'ŋkʰá] ' aldeia dele '
- (146) [a'ŋŋ] ' flato '
- (147) [pʰ'ŋú:] ' antigamente '
- (148) [kʰŋŋ'ríʔ] ' jacamim '
- (149) [ŋ'ŋŋpáʔ] ' cacau '
- (150) [ɿŋʰ'kʰhʰ] ' ilha fluvial '

### 2.1.3. APROXIMANTES.

[ɬ] Lateral fricativo, dental sonoro.

Ocorre em posição inicial de palavra em sílaba não-acentuada, e em posição medial de palavra tanto em sílaba acentuada como em não-acentuada.

- (151) [ɬà'pù] ' arraia '
- (152) [ɬà'ʔúʔ] ' lagarta '
- (153) [ɬà'mú:kŋ] ' eclipse (solar) '

- (154) [t̃ō'čí'kʔ] ' arbusto, árvore pequena '
- (155) [ak̃'í] ' cutia '
- (156) [aw̃'á] ' mel '
- (157) [bãã'á?] ' marreco '
- (158) [kòà'á?] ' aldeia '
- (159) [yãɓl'ú] ' gavião-tesoura '
- (160) [ãã'nʔ] ' saúva-preta '

[r] Tap alveolar, sonoro.

Ocorre somente em posição medial de palavra, em sílabas acentuadas e não-acentuadas.

- (161) [wã'rá?] ' macaco (guariba) '
- (162) [p̃'rá?] ' pulga; bicho-de-pé '
- (163) [wã'rí?] ' tamanduá '
- (164) [ãdũ'rá?] ' martin-pescador '
- (165) [k̃'rí?] ' bambu '
- (166) [kã:rì'á?] ' festa dança '
- (167) [kã:rã'í?] ' caraíba; inhame '
- (168) [ũ'rá?] ' sapoti '
- (169) [kã'p̃r̃] ' suor '
- (170) [yãk̃r̃é'w̃?] ' jaburu '
- (171) [wãrà'í?] ' melância '
- (172) [ã'dó'riũ] ' velho '
- (173) [p̃r̃i'kũ] ' erva-do-pajé '

[ɾ] Flap alveopalatal, sonoro (retroflexo).

Ocorre somente em posição medial de palavra, antes de vocóide posterior alto [u], em sílabas acentuadas e não-acentuadas.

- (174) [pè'ɾù?] ' nome dado aos suya '
- (175) [ò'ɾúpé?] ' cogumelo '
- (176) [pèçà'ru?] ' tipucaia '
- (177) [čũ'ɾuhà] "loro" ('papagaio domesticado')
- (178) [à'páɾú?] ' beiju '
- (179) [pèɾù'má?] ' macaco-prego '
- (180) [ùɾù'bí?] ' macaco mucura '
- (181) [màɾù'rɨ?] ' coelho '
- (182) [ĩ'díɾú?] ' muda, árvore pequena '
- (183) [ũ'ráɾù] ' sapo (pequeno) '

[ɸ̃] Tap alveolar, sonoro, nasalizado.

Ocorre somente em posição medial de palavra, precedendo ou seguindo vocóide nasal, em sílabas acentuadas e não-acentuadas.

- (184) [ka'ɸ̃ɾɨ?] ' pavão '
- (185) [ũ'ɸ̃ũ?] ' andorinha '
- (186) [õ'ɸ̃í?] ' ananás '
- (187) [čá'ɸ̃ínà] ' galinha '
- (188) [kũ'pɸ̃í?] ' carrapato (grande) '

- (189) [a'tu<sup>h</sup>fu] ' jaó '
- (190) [kũ<sup>h</sup>fu'mã?] ' lagarto '

#### 2.1.4. FRICATIVOS.

[ɸ] Fricativo bilabial, surdo.

Ocorre em posição inicial de palavra em sílaba não-acentuada e em posição medial de palavra em sílaba acentuada e não-acentuada, precedendo sempre a vocóide posterior alto [u].

- (191) [ɸãriri'kú] ' erva do pajé '
- (192) [ɸã'tã?] ' cobra '
- (193) [ɸã'tã] ' porco '
- (194) [ɸã'jĩɸã'jĩ] ' macaco (8) '
- (195) [ɸãà'kú] ' tempo de chuva '
- (196) [ɸl<sup>h</sup>'?ã?] ' tracajá '
- (197) [ɸi'ɸú] ~ [sɪ'hú] ' reto '
- (198) [tã'ɸú?] ~ [tã'hú?] ' arraia '
- (199) [ũ'ɸú?] ~ [u'hú?] ' urubu '
- (200) [kã'ɸúri] ~ [kã'húri] ' acará '
- (201) [è'ɸú] ~ [è'hú] ' cachoeira '
- (202) [nũ'ɸĩɸú] ' escova-de-macaco (fruta) '
- (203) [ãpũ'ã?] ' peneira '

[ɸ] Fricativo bilabial, sonoro.

Ocorre em posição medial de palavra, em sílaba acentuada e não-acentuada, antes de [i].

- (204) [A'ɸi:] 'fumar, beber'  
 (205) [A'ɸiʔ] 'agulha'  
 (206) [yɸɪ'ɸiʔ] 'gavião-tesoura'

[ɸ̣] Fricativo dental, sonoro.

Ocorre somente em posição medial de palavra, em sílaba acentuada, contígua a [i].

- (207) [A'ɸ̣i:] 'criança, menino'  
 (208) [i'ɸ̣ʔ] 'nome (dele)'  
 (209) [sɛ'ɸ̣iʔiʔ] 'costela (nossa) ou telhado(nosso)'  
 (210) [i'ɸ̣at'ɸ̣tʰ] 'guelra'  
 (211) [iɸ̣i'ɸ̣] 'corpo (humano)'  
 (212) [i'ɸ̣iyàhā] 'pajé'

[s] Fricativo alveolar, surdo.

Ocorre em posição inicial de palavra, em sílaba não-acentuada e em posição medial de palavra tanto em sílaba acentuada como em não-acentuada.

- (213) [sú'sú?] ' leque, abano '
- (214) [sê'wá] ' nossa mão/dedo '
- (215) [sú: 'wʰ:] ' coruja '
- (216) [sê'kʰ] ' nossa perna '
- (217) [dú'sí] ' tatu galinha '
- (218) [á'sá?] ' sagüí '
- (219) [ĩ'sá?] ' pele '
- (220) [nàsü'sü?] ' borboleta '
- (221) [á'sʰnʰnʰ] ' raposa '
- (222) [i'kásü:] ' liso '

[z] Fricativo alveolar, sonoro.

Ocorre em posição inicial de palavra, em sílaba não-acentuada, e em posição medial de palavra em sílaba acentuada e não-acentuada.

- (223) [zārākì] ' curica '
- (224) [pá'zú?] ' sapo (pequeno) '
- (225) [sê'kʰzà] ' nossa canela '



[ʃ] Fricativo palato-alveolar, surdo.

Ocorre em posição inicial e medial de palavra, tanto em sílaba acentuada como em não-acentuada.

- (226) [ˈʃʔ:ʃi]                    ‘pequeno’
- (227) [ˈʃãdãdã]                   ‘preá (espécie)’
- (228) [ˈʃa]                        ‘cuia, cabaça’
- (229) [ʃòrũˈkúʔ]                   ‘socó-boi’
- (230) [-ʃãˈkũ]                    ‘mastigar’
- (231) [ʃĩˈʔ]                       ‘aranha’
- (232) [ʃʔˈʃʔ]                    ‘socozinho’
- (233) [ʃiɔˈdũ]                    ‘nome próprio’
- (234) [ʔʃĩˈʃĩ]                    ‘pintado, manchado’
- (235) [aˈʃʔ]                      ‘chifre’
- (236) [ũˈʃaʔ]                    ‘inajá’
- (237) [ũˈʃiʃi]                    ‘pássaro’
- (238) [aˈʃiʔ]                    ‘fogo’
- (239) [kòʃĩˈnʔ]                   ‘nome próprio’
- (240) [aʃĩˈhá]                    ‘indio arara’

[h] Fricativo glotal, surdo.

Ocorre em posição inicial e medial de palavra, tanto em sílaba acentuada como em não-acentuada.

- (241) [ˈhẽ:]                      ‘resposta afirmativa (fala feminina)’

(242)	[hŏhŏ'fŏ]	' mosca '
(243)	[hŏ'pŏkŏ]	' gavião-de-penacho '
(244)	[bà'há?]	' caminho, estrada, rua '
(245)	[bāē'hā?]	' ralador de mandioca '
(246)	[-kà'há?]	' banha, gordura '
(247)	[ùrà'h̃h̃]	' grande '
(248)	[aw̃lā'dáhá]	' abelha '
(249)	[à'jáhá]	' formiga '
(250)	[sè'náh̃]	' homem '
(251)	[kòtā'hà?]	' remo '

#### 2.1.5. AFRICADOS.

[dz] Africado alveolar, sonoro(6).

Ocorre em posição medial de palavra, em sílaba acentuada, em variação com [z].

(252)	[áp̃'dzà] ~ [áp̃'zà]	' cocar, chapéu '
(253)	[p̃'dzà?] ~ [p̃'zà?]	' canoa '
(254)	[sèù̃'dzá?] ~ [sèù̃'zá?]	' nossa barriga '

[č̣] Africado palato-alveolar, surdo.

Ocorre em posição inicial e medial de palavra, tanto em sílaba acentuada como em não-acentuada.

- (255) [ 'čákĭ 'cákĭ ] ' quero-quero ' (onomatopeico)  
 (256) [čārā 'rĭwá ] ' arara amarela '  
 (257) [čŭ 'ʔĭʔ ] ' filhote de periquito '  
 (258) [čŭ 'kʰhʰʔ ] ' arco '  
 (259) [čāčā 'rĭʔ ] ' sarro (peixe) '  
 (260) [pĭ 'čʌʔ ] ' peixe '  
 (261) [pĭ 'čĭʔ ] ' traíra (grande) '  
 (262) [kābŭ 'čŭrŭʔ ] ' caranguejeira '  
 (263) [mā 'rĭčʌʔ ] ' caxiri (em grande quantidade) '  
 (264) [āwāčĭ 'ʔĭʔ ] ' arroz '  
 (265) [čĕrĕčĕ 'dĕ ] ' nome próprio '

[j̣] Africado palato-alveolar, sonoro.

Ocorre em posição inicial de palavra em sílaba não-acentuada e em posição medial de palavra tanto em sílaba acentuada como em não-acentuada.

- (266) [j̣ā 'wášĭá ] ' capineiro '  
 (267) [kārā 'j̣áj̣à ] ' macaco (4) '  
 (268) [pŭ 'j̣ĭpŭ 'j̣ĭ ] ' macaco (8) '  
 (269) [mārāj̣ā 'j̣āʔ ] ' anu '

- (270) [mākāšī'já] ' cascudo de praia '
- (271) [yù'já] ' jurúna (auto denominação) '
- (272) [dùà'júsì] ' quatro '
- (273) [àjìà'tá?] ' libélula '
- (274) [í:jà] ' mulher '

1.1.6. CONSTITUTIVOS.

[w] Constrictivo bilabial, sonoro.

Ocorre em posição inicial e medial de palavra tanto em sílaba acentuada como em não-acentuada.

- (275) [wárán'ñ'ñ?] ' irara '
- (276) [wá'rí?] ' pica-pau '
- (277) [wá'wán'ñ] ' boto '
- (278) [wá'tá] ' vagina '
- (279) [á'w'í?] ' quati '
- (280) [tá'wá?] ' igarapé '
- (281) [ùrā'w'í?] ' arara vermelha '
- (282) [è'w'í?] ' escorpião '
- (283) [dāwā'kí] ' nome próprio '
- (284) [á'déwá?] ' maçarico '

[w̃] Constrictivo bilabial sonoro, nasalizado.

Ocorre contíguo a vocóide nasal.

(285) [w̃á'káháʔ] ' urucum '

[y] Constrictivo palatal, sonoro.

Ocorre em posição inicial de palavra em sílaba não-acentuada, e em posição medial de palavra tanto em sílaba acentuada como em não-acentuada.

(286) [yá'kúhá] ' caxiri '

(287) [yákú'páʔ] ' mingau (quente) '

(288) [yù'kɛ' dɛ'] ' sal '

(289) [wāwɛ' yāʔ] ' suindara '

(290) [i: 'yáʔ] ' água, rio '

(291) [tūyū' yúʔ] ' filhote de jaburu '

(292) [i: 'yáúdà] ' dois '

(293) [má' yákáʔ] ' mandioca '

(294) [i: 'yáháʔ] ' dia '

(295) [i: 'yáwáháʔ] ' balde '

(296) [kɛ' yá' déʔ] ' este ano '

(297) [kUmàrà' táyá] ' cenoura '

[y] Constrictivo palatal sonoro, nasalizado.

Ocorre contíguo a vocóide nasal, em variação com [ŋ].

(298) [yũ'pípì] [ŋũ'pípì] ' amarelo '

(299) [yŋ'sá:kò] [ŋŋ'sá:kò] ' lago '

## 2.2. VOCÓIDES.

### 2.2.1. DRAIS.

[i] Alto, anterior, fechado, não-arredondado.

Ocorre em posição inicial, medial e final de palavra, tanto em sílaba acentuada, como em não-acentuada.

- (300) [í:ǰá?] ' mulher '
- (301) [ʔì'ʔóʔú?] ' molhado '
- (302) [ʔì'ʔá] ' fruta '
- (303) [ì:ǰá?] ' mãe '
- (304) [pì'ná?] ' anzol '
- (305) [mákà'kí] ' milho '
- (306) [yákòrì'kí] ' beija-flor '
- (307) [kãŋũ'rí?] ' jacamim '
- (308) [ʔãʔã'í] ' avó '
- (309) [à'bí?] ' índio '
- (310) [tãrũ'kãrí] ' sabiá laranjeira '

[i] Alto, anterior, aberto, não arredondado.

Ocorre em sílaba não-acentuada, em variação livre com [i] e [e].

- (311) [i'ʔá] ~ [ʔè'ʔá] ' chorar '
- (312) [ʔi'ʔá] ~ [ʔi'ʔá] ' fruta '
- (313) [ʔi'táʔ] ~ [ʔi'táʔ] ' pega! '
- (314) [ʔi'táʔ] ~ [ʔè'táʔ] ' areia, praia '
- (315) [ká'kárfʔ] ~ [ká'káréʔ] ' jacaré (pequeno) '
- (316) [táku'ráriʔ] ~ [táku'raréʔ] ' jabuti '
- (317) [tòrò'šārí] ~ [tòrò'šārí] ' sabiá laranjeira '

[e] Médio, anterior, fechado, não-arredondado.

Ocorre em posição inicial de palavra não-acentuada, em posição medial e final tanto em sílabas acentuadas como em não-acentuadas, em variação livre com [i] em sílaba não-acentuadas.

- (318) [ʔè'ʔá] ' chorar '
- (319) [è'dáʔ] ' saúva-vermelha '
- (320) [è'w'áʔ] ' escorpião '
- (321) [á'béʔ] ' casca '
- (322) [yákà'réʔ] ' jacaré '
- (323) [kàn'ʔbà'rèʔ] ' camaleão '
- (324) [ká'káréʔ] ' jacaré (pequeno) '
- (325) [táku'raréʔ] ' jabuti '

[<sup>+</sup>] Alto, central, fechado, não-arredondado.

Ocorre em posição inicial de palavra em sílaba não-acentuada, em posição média e final em sílaba acentuada e não-acentuada.

- (326) [p<sup>+</sup>'rá?] ' pulga '
- (327) [p<sup>+</sup>'ná?] ' sarar de doença '
- (328) [k<sup>+</sup>'rĩ?] ' periquito '
- (329) [t<sup>+</sup>t<sup>+</sup>'r<sup>+</sup>?] ' grávida (em estágio avançado); objeto dependurado '
- (330) [è'b<sup>+</sup>?] ' machucado, inchaço '
- (331) [p<sup>+</sup>i<sup>+</sup>'?<sup>+</sup>?] ' tracajá '
- (332) [a'náib<sup>+</sup>à?] ' estrela '
- (333) [m<sup>+</sup>'d<sup>+</sup>ká] ' lua '

[#] Alto, central, aberto, não-arredondado.

Ocorre em sílaba não-acentuada, em variação com [<sup>+</sup>].

- (334) [l<sup>+</sup>t<sup>+</sup>'níkĩ] ~ [l<sup>+</sup>t<sup>+</sup>'níkĩ] ' preto '
- (335) [ʔi'č<sup>+</sup>b<sup>+</sup>] ~ [ʔi'č<sup>+</sup>b<sup>+</sup>] ' muito '
- (336) [kāp<sup>+</sup>'ʔiŋá] ~ [kāp<sup>+</sup>'ʔiŋá] ' neblina '
- (337) [s<sup>+</sup>i'náh<sup>+</sup>] ~ [s<sup>+</sup>e'náh<sup>+</sup>] ' homem '



[a] Baixo, central, aberto, não-arredondado.

Ocorre em posição inicial, medial e final de palavra, tanto em sílaba acentuada como em não-acentuada.

- (338) [ˈpárəpù]            ˈ novo ˈ
- (339) [áràˈpáʔ]            ˈ arara vermelha ˈ
- (340) [ápùˈʔáʔ]            ˈ peneira ˈ
- (341) [àˈʒáʔ]                ˈ chifre ˈ
- (342) [bàˈháʔ]              ˈ caminho, estrada, rua ˈ
- (343) [pìˈčàʔ]              ˈ peixe ˈ
- (344) [kàràˈjájà]            ˈ macaco (4) ˈ

[u] Alto, posterior, fechado, arredondado.

Ocorre em posição inicial, medial e final de palavra tanto em sílabas acentuada como em não-acentuadas.

- (345) [úˈráʔ]                ˈ sapoti ˈ
- (346) [ùˈʒáʔ]                ˈ inajá ˈ
- (347) [ùrùˈbíʔ]              ˈ macaco-mucura ˈ
- (348) [dúˈsɨ]                ˈ tatu-galinha ˈ
- (349) [ákùˈʔúʔ]              ˈ rato (pequeno) ˈ
- (350) [ùˈdúkúʔ]              ˈ nome próprio ˈ
- (351) [nàsùˈsúʔ]              ˈ borboleta ˈ

[U] Alto, posterior, aberto, arredondado.

Ocorre em sílaba não-acentuada, em variação com [u] e [o].

- (352) [U'dúkaʔ] ~ [ù'dúkúʔ] ' nome próprio '
- (353) [dU'sí] ~ [dú'sí] ' tatu galinha '
- (354) [dU'ʔáʔ] ~ [dú'ʔáʔ] ' tatu bola '
- (355) [kU:'ʔíʔ] ~ [kò:'ʔíʔ] ' amendoim '

[o] Médio, posterior, fechado, arredondado.

Ocorre em sílaba não-acentuada, em variação com [u] e [U].

- (356) [ò'rúpéʔ] ~ [ù'rúpéʔ] ' cogumelo '
- (357) [pò:'yú] ~ [pū:'yu] ' feijão '
- (358) [pò'dú:] ~ [pù'dú:] ' nome próprio '
- (359) [kò'pé:bà] ~ [kù'pé:bà] ' veado (pequeno) '
- (360) [kòmàtì'núʔ] ~ [kùmàtì'núʔ] ' macaco zogue-zogue '
- (361) [àkò'ʔí] ~ [àkù'ʔí] ' cutia '
- (362) [kò:'ʔíʔ] ~ [kù:'ʔíʔ] ' amendoim '
- (363) [yàkòri'ʔí] ~ [yàkùri'ʔí] ' beija-flor '

[i] Alto, posterior, fechado, não-arredondado.

Ocorre contíguo a vogal alta central [ɨ].

- (364) [pɨ́'ʔíʔ] 'tracajá'  
 (365) [àrèdì'íʔ] 'jaraqui'  
 (366) [çà'kí'íʔ] 'pacu-caranha'

### 2.2.2. NASAIS.

[ĩ] Alto, anterior, fechado, não-arredondada.

Ocorre em posição inicial de palavra, em sílaba não-acentuada, e em posição medial e final de palavra tanto em sílaba acentuada como em não-acentuada.

- (367) [ĩsĩ'ší] 'pintado, malhado'  
 (368) [ĩ'ŋá'ŋá] 'aldeia'  
 (369) [ʔí'tú] 'beijo'  
 (370) [mĩ'ka'táʔ] 'plantação'  
 (371) [pà'kĩ] 'piranha'  
 (372) [hũ'tĩ'ŋá] 'traíra (pequena)'  
 (373) [çũ'ʔíʔ] 'filhote de periquito'  
 (374) [ʔá'ʔíʔ] 'pimenta'  
 (375) [áĩ'bátá] 'rede'

[ĩ] Alto, anterior, aberto, não-arredondado.

Ocorre em sílaba não-acentuada, em variação com [i] e [e].

- (376) [ĩ'ʔá] ~ [i'ʔá] ' chorar '
- (377) [ʔĩ'ʔú] ~ [ʔë'ʔú] ' morto '
- (378) [çamĩfĩ'ʔá] ~ [çamëfĩ'ʔá] ' cupinzeiro '
- (379) [mĩkà'táʔ] ~ [mëkà'táʔ] ' plantação '
- (380) [àĩ'bátá] ~ [àí'bátá] ' rede '

[ẽ] Médio, anterior, fechado, não-arredondado.

Ocorre em posição inicial, medial e final de palavra, tanto em sílaba acentuada como em não-acentuada.

- (381) [ẽũ'á] ' arco iris '
- (382) [ẽ'kúʔ] ' gavião '
- (383) [ẽ'ʔá] ' morrer '
- (384) [ẽ'±áʔ] ' castanha-do-pará '
- (385) [ẽ'±áʔáʔ] ' castanha de cajú '
- (386) [ʔë'ʔú] ' morto '
- (387) [më'íhàʔ] ' facão '
- (388) [më:'tí] ' socó-boi '
- (389) [àmà'ẽ] ' tamanduá (grande) '
- (390) [à'mëfĩ] ' "crista" do peixe '
- (391) [çamëfĩ'ʔá] ' cupinzeiro '

[ɥ̃] Alto, central, fechado, não-arredondado.

Ocorre em posição inicial, medial e final de palavra, acentuada e não-acentuada.

- (392) [pɥ̃'í:hã] 'aquele (a) '  
 (393) [mũ'ú'kɥ̃'nã'nũ] 'micuim '  
 (394) [kɔ̃'kɥ̃] 'tempo de seca, verão '  
 (395) [ú'ɥ̃?] 'porto, parada do barco '  
 (396) ['káɥ̃'kɥ̃] 'noite '

[ɥ̃] Médio, central, fechado, não-arredondado.

Ocorre em posição inicial de palavra em sílaba, não-acentuada e em posição medial e final de palavra, tanto em sílaba acentuada como não-acentuada.

- (397) [kɥ̃'kɥ̃] 'menino '  
 (398) [sã'rãkɥ̃] 'saracura '  
 (499) [nã'ɥ̃?] 'anu (pequeno) '  
 (400) [sɥ̃'sɥ̃?] 'socozinho '  
 (401) [nãdãdã'ɥ̃?] 'tucano '  
 (402) [lɥ̃lã'nã?] 'bicho-preguiça '  
 (403) [ã'ɥ̃'bí] 'formigão '

[ũ] Alto, posterior, fechado, arredondado.

Ocorre em posição inicial de palavra em sílaba não-acentuada; e em posição medial e final tanto em sílaba acentuada como em não-acentuação.

- |       |           |                     |
|-------|-----------|---------------------|
| (404) | [ũ'náhʔ]  | ' erva cheirosa '   |
| (405) | [ũ'nópáʔ] | ' cacau '           |
| (406) | [ũ'fũʔ]   | ' andorinha '       |
| (407) | [ũ'ʔʔʔ]   | ' unha '            |
| (408) | [ũ'kʔʔ]   | ' gavião '          |
| (409) | [A'tũʔʔ]  | ' jaó (ave) '       |
| (410) | [tã'kʔ]   | ' mutum '           |
| (411) | [A'sũ:rʔ] | ' vermelho '        |
| (412) | [mákũ'ʔʔ] | ' fazer fio, fiar ' |
| (413) | [ʔʔfũ'ʔʔ] | ' nambu '           |
| (414) | [ʔʔũũ'ʔʔ] | ' gralha '          |

[ũ̃] Alto, posterior, aberto, arredondado.

Ocorre em sílaba não-acentuada, em variação com [ũ] e [õ].

- |       |                               |                          |
|-------|-------------------------------|--------------------------|
| (415) | [kũ'fĩkũ'ʔʔ] ~ [kũ̃'fĩkũ̃'ʔʔ] | ' papagaio '             |
| (416) | [ũ̃'ʔʔ] ~ [ũ̃'ʔʔ]             | ' filhote de periquito ' |
| (417) | [ũ̃fũkũ'ʔʔ] ~ [ũ̃fũkũ'ʔʔ]     | ' urubu-rei '            |
| (418) | [kũ̃: 'ʔʔ] ~ [kũ̃: 'ʔʔ]       | ' mosquito '             |
| (419) | [kũ̃'pʔʔʔ] ~ [kũ̃'pʔʔʔ]       | ' carrapato (grande) '   |

[ɔ̃] Médio, posterior, fechado, arredondado.

Ocorre em sílaba não-acentuada, em variação com [U] e [ũ].

- (420) [ʔɔ̃'ʔíʔ] ~ [ʔũ'ʔíʔ] 'porco-espinho '
- (421) [kɔ̃:'ʔíʔ] ~ [kũ:'ʔíʔ] 'mosquito '
- (422) [kɔ̃'páʔíʔ] ~ [kũ'páʔíʔ] 'carrapato (grande) '
- (423) [mɔ̃'páʔ] ~ [mũ'páʔ] 'samaúma '
- (424) [tɔ̃'mí:kù] ~ [tũ'mí:kù] 'podre '
- (425) [tɔ̃'ʔíʔáʔ] ~ [tũ'ʔíʔáʔ] 'arbusto '
- (426) [màkɔ̃'ʔíʔ] ~ [màkũ'ʔíʔ] 'carrapato (pequeno) '

### 3. FONOLOGIA

Nesta etapa da análise serão apresentados (I) os fonemas segmentais (consoantes e vogais) tomando por base o inventário e distribuição dos sons. Serão verificadas as ocorrências de: distribuição complementar, variação livre e oposição. Também serão apresentados (II) os fonemas suprasegmentais (tonemas) e sua relação com o acento lexical.

#### 3.1. I - SEGMENTAL

#### DISTRIBUIÇÃO COMPLEMENTAR E VARIAÇÃO LIVRE

##### 3.1.1. CONTÓIDES

Há distribuição complementar, ou seja, ocorrência em ambientes necessariamente diferentes, entre os sons foneticamente semelhantes:

- 1) [t], [t̥] e [d], [d̥];
- 2) [ʔ], [h] e ∅;
- 3) [ʃ], [h];
- 4) [z], [dz], [ʃ];
- 5) [r], [r̥], [ʃ];
- 6) [w], [ʃ]; [w], [w̥];
- 7) [y], [y̥], [ɲ];
- 8) [χ], [tʰ] e [χ], [dʰ].



(1) - [t], [t̥] [d], [d̥]

[t̥] ocorre contíguo a vogal alta (anterior ou posterior), em variação com [t].

[t] ocorre nos demais ambientes.

[d̥] ocorre contíguo a vogal alta (anterior ou posterior), em variação com [d].

[d] ocorre nos demais ambientes.

(427) [áp̥i'dúʔ] ~ [áp̥i'dúʔ] 'esmagar, amassar'

(428) [dA'ká] 'nome próprio'

(429) [pàs'tíA] [pàs'tíA] 'murici'

(430) [tA'wáʔ] 'igarapé'

(cf. exs. 35 a 70).

Assim: /t/ -----> [t̥] / contíguo V alta ~ [t].  
-----> [t] / n.d.a.

/d/ -----> [d̥] / contíguo V alta ~ [d].  
-----> [d] / n.d.a.

Há, portanto, um contexto evidente para a ocorrência de variação livre, neste caso.

(2) - [ʔ], [h] e 0.

[ʔ], pelo demonstrado a seguir em 3.2.1., apresenta contraste em ambiente idêntico ou análogo com vários fonemas. É, portanto, considerado um fonema.

Contudo, antes de pausa pode variar com zero, sua não-ocorrência, ou com [h]; nesse caso não é considerado um fonema, posto não apresentar contraste, sendo predizível. Inclusive, na língua não ocorre consoante em final de sílaba (antes da pausa), e, portanto, (C)Vʔ seria um único exemplo do padrão silábico (C)VC, o que destoaria no sistema fonológico da língua.

[h], por outro lado, pode ocorrer em posição inicial, onde ainda é mantido o contraste de /ʔ/ com outros fonemas. Um único exemplo no "corpus" ilustra esse fenômeno; contudo, tal exemplo é muito freqüente (V.436 e 437), principalmente quando peço confirmação da pronúncia.

- (431) [kò: 'ʔíʔ] }  
                   } }  
                   [kò: 'ʔí<sup>h</sup>] } ' amendoim ' }  
                   } }  
                   [kò: 'ʔí] } }
  
- (432) [ʔA 'ʔúʔ] } ' vestir-se ' } }  
                   } } } /ʔ/:/±/
- (433) [lA 'ʔúʔ] } ' lagarta ' } }
  
- (434) [A 'wáʔáʔ] } ' cará (planta) ' } }  
                   } } } /ʔ/:/r/
- (435) [A 'wáráʔ] } ' macaúba (planta) ' } }
  
- (436) [ʔũ 'báʔ] } ' resposta afirmativa (fala masculina) ' }
- (437) [hũ 'báʔ] }
  
- (438) [kũ 'pá] } ' cupim ' } }  
                   } } } /ʔ/:/w/
- (439) [ʔũ 'ʔAʔ] } ' caranguejo ' } }

Assim:

$$/h/ \begin{array}{l} \longrightarrow [h] / \# \text{---} V \sim [?] \\ \longrightarrow [?] / \text{n.d.a.} \end{array}$$

(3) - [~~ɸ~~], [h]

[~~ɸ~~] ocorre somente precedendo a vogal alta posterior [u], e, em sílaba acentuada, pode variar com [h].

(440) [ɸũrĩrĩ'kú]                    ' erva do pajé '

(441) [ũ'ɸú?] ~ [ũ'hú?]           ' urubu '

(cf. exs. 191 a 203)

[h] ocorre nos demais ambientes.

(442) [bã'há?]                    ' caminho, estrada, rua '

(443) [sĩ'náhĩ]                    ' homem '

(cf. exs. 242 a 252)

Conclui-se que tais segmentos também são alofones de um mesmo fonema:

$$/h/ \begin{array}{l} \longrightarrow [\del{\phi}] / \text{---} u \sim [h] / \text{---} u \\ \longrightarrow [h] / \text{n.d.a.} \end{array}$$

(4) [z], [dz], [~~ɸ~~].

[dz] ocorre em sílaba acentuada, em posição intervocálica, antes de [a]; em variação com [z].

(444) [ãpɸ'dzà]                    ' cocar, chapéu '

(cf. exs. 252 a 254).

[ɸ] ocorre em sílaba acentuada, em posição intervocálica, contíguo a [i].

(445) [ã'ɸi:]                    ' criança, menino '

(cf. exs. 207 a 212)

[z] ocorre nos demais ambientes.

(446) [pá'zú?] ' sapo (pequeno) '

(cf. exs. 223 a 225)

Assim:

/z/	----->	[z]	/	contíguo a [i]
	----->	[dz]	/	β '--- [a] ~ [z]
	----->	[z]	/	n.d.a.

(5) [r̥], [r̃] e [r]

[r̥] ocorre somente precedendo vogal alta posterior [u].

(447) [pê'rù] ' denominação dada aos Suyá '

(448) [òrù'bí?] ' macaco - mucura '

(cf. exs. 174 e 183)

[r̃] ocorre somente contíguo a vogal nasal.

(449) [ã'fũ] ' andorinha '

(450) [kũrũ'm'ã?] ' lagarto '

(cf. exs. 184 a 190)

[r] ocorre nos demais ambientes.

(451) [pĩ'rã?] ' pulga; bicho-de-pé '

(452) [kã:rã'fí?] ' caraíba, inhame '

(cf. exs. 161 a 173)

Conclui-se, portanto, que tais segmentos são alofones de um mesmo fonema:

/r/	----->	[r̥]	/	-----	V alta posterior
					[u]
	----->	[r̃]	/	-----	ẽ ----- ẽ ou ----- ẽ
	----->	[r]	/	n.d.a.	

(6) - [w], [ɸ] ; [w], [w̃]

[ɸ] ocorre precedendo vogal alta anterior [i].

(453) [yɸɸɪ 'túʔ] ' gavião tesoura '

(cf. exs. 204 e 206)

[w̃] ocorre contíguo a vogal nasal.

(454) [w̃ɸ 'káháʔ] ' urucum '

[w] ocorre nos demais ambientes.

(455) [dàwá 'kí] ' nome próprio '

(456) [á 'wɸʔ] ' quati '

(457) [wāwɸ 'yāʔ] ' coruja '

(cf. exs. 275 a 285)

Assim:	/w/	----->	[ɸ] / ----- i
		----->	[w̃] / contíguo vogal nasal.
		----->	[w] / n.d.a.

(7) - [y], [ɸ̃], [ɸ]

[ɸ] ocorre contíguo a vogal nasal, [ɸ̃].

[y] ocorre nos demais ambientes.

(458) [ɸ̃ 'pípi] [ỹ 'pípi] ' amarelo '

(459) [yá 'kúhá] ' caxixi '

(cf. exs. 142 a 150 e exs. 286 a 299).

Assim:	/y/	----->	[ɸ] / contíguo a vogal nasal ~ [ɸ̃].
		----->	[y] / n.d.a.

(8) - Há ainda um caso de variação livre entre as consoantes a - fricadas: Uma pronúncia, principalmente entre mulheres e crian - ças, como consoantes fortemente palatalizadas do par [ç] e [j]. Não foi observado nenhum contexto específico para essa variação. É possível que fatores sociolinguísticos sejam os responsáveis neste caso (7). Exemplos:

- (460) [yà'dʲà]            ' jurúna (auto-denominação) '
- (461) [ 'f: dʲà ]            ' mulher '
- (462) [pɫ 'tʲà ]            ' peixe '

### 3.1.2. VOCÓIDES.

Há distribuição complementar, e/ou variação 'livre',  
entre:

- 1) [i] e [i]
- 2) [e] e [e]
- 3) [ɛ] e [ɛ]
- 4) [ɨ] e [u]
- 5) [u], [o] e [o]
- 6) [ĩ] e [ĩ]
- 7) [ẽ] e [ĩ]
- 8) [ũ], [ũ] e [õ]

(1) - [i] e [I].

[I] ocorre somente em sílaba não-acentuada, podendo variar com [i].

(463) [tùrù'šárí] ~ [tùrù'šáí] 'sabiá-laranjeira'

(464) [ʔí'ʔáʔ] ~ [ʔi'ʔá] 'fruta'

[i] ocorre nos demais ambientes.

(465) [kãŋ'ríʔ] 'jacamim'

(466) [ʔãʔã'í] 'avó'

(cf. exs. 300 a 317)

Assim: /i/ -----> [I] / sílaba não-acentuada ~ [i]  
 -----> [i] / n.d.a.

(2) - [e] e [I].

[I] ocorre somente em sílaba não-acentuada, podendo variar com [e].

(467) [ká'káríʔ] ~ [ká'káréʔ] 'jacaré (pequeno)'

(468) [tùkà'ráríʔ] ~ [tùkà'ráréʔ] 'jabuti'

[e] ocorre nos demais ambientes.

(469) [à'béʔ] 'casca'

(470) [kãŋ'xà'réʔ] 'camaleão'

(cf. exs. 311 a 325)

Portanto: /e/ -----> [I] / sílaba não-acentuada ~ [e]  
 -----> [e] / n.d.a.

(3) - [ɸ] e [ɸ̃].

[ɸ̃] ocorre em sílaba não-acentuada, podendo variar com [ɸ].

(471) [lɪɸ̃'nikɪ] ~ [lɪɸ'nikɪ] ' preto '

(472) [ʔi'cɪbɸ̃] ~ [i'ɸ̃ɪbɸ̃] ' muito '

[ɸ] ocorre nos demais ambientes.

(473) [ɛ'bɸʔ] ' machucado, inchaço '

(474) [mɸ'dɸkɸ] ' lua '

(cf. exs. 326 a 337)

Assim: /ɸ/ -----> [ɸ̃] / sílaba não-acentuada, ~ [ɸ]  
 -----> [ɸ] / n.d.a.

(4) - [ɪ] e [u].

[ɪ] ocorre sempre contíguo a [ɸ].

(475) [pɪɸ'ʔɸʔ] ' tracajá '

(476) [ɸɸ'kɪɸʔ] ' pacu-caranha '

(477) [ɸrɛdɪ'ɸʔ] ' jaraqui '

[u] ocorre nos demais ambientes.

(478) [ɸkɪ'ʔɸʔ] ' rato (pequeno) '

(479) [ɸɸɪɸ] ' imbirá '

(480) [nɸsɪ'sɪʔ] ' borboleta '

(cf. exs. 345 e 366)

Conclui-se, portanto, que tais segmentos são alofones de um mesmo fonema:

/u/ -----> [ɪ] / precedendo a vogal alta central [ɸ].  
 -----> [u] / n.d.a.



(5) - [u], [U] e [o].

[U] e [o] ocorrem em sílaba não-acentuada, podendo variar com [u].

(481) [ù'dúkú?] ~ [ù'dúkú?] ' nome próprio '

(482) [ò'rúpé?] ~ [ù'rúpé?] ' cogumelo '

[u] ocorre nos demais ambientes.

(483) [ó'rá?] ' sapoti '

(484) [nàsù'sú?] ' borboleta '

(cf. exs. 345 a 363).

Assim: /u/ -----> [U] e [o] / sílaba não-acentuada, ~ [u].  
 -----> [u] / n.d.a.

(6) - [ĩ] e [ĩ̃].

[ĩ̃] ocorre em sílaba não-acentuada, variando com [ĩ].

(485) [ĩ'ʔá] ~ [ĩ̃'ʔá] ' chorar '

(486) [àĩ'bátá] ~ [àĩ̃'bátá] ' rede '

[ĩ] ocorre nos demais ambientes.

(487) [pákĩ] ' piranha '

(488) [čã'ʔĩ?] ' filhote de periquito '

(cf. exs. 367 a 380)

Assim: /ĩ/ -----> [ĩ̃] / sílaba não-acentuada, ~ [ĩ].  
 -----> [ĩ] / n.d.a.

(7) - [ẽ] e [ĩ].

[ĩ] ocorre em sílaba não-acentuada, variando com [ẽ].

(489) [ʔĩ'ʔá] ~ [ʔẽ'ʔá] ' morto '

(490) [ɛ̀ámĩfĩ'ʔá] ~ [ɛ̀ámẽfĩ'ʔá] ' cupinzeiro '

[e] ocorre nos demais ambientes.

(491) [ẽũ'ĩ] ' arco-íris '

(492) [àmà'ẽ] ' tamanduá (grande) '

(cf. exs. 376 a 391)

Assim: /ẽ/ -----> [ĩ] / sílaba não-acentuada, ~ [ẽ].  
-----> [ẽ] / n.d.a.

(8) - [ũ], [õ] e [ü].

[ü] e [õ] ocorrem em sílaba não-acentuada, em variação com [ũ].

(493) [ẽü'ʔáʔ] ~ [ẽõ'ʔáʔ] ' filhotes de periquito '

(494) [kõ:'ʔáʔ] ~ [kü:'ʔáʔ] ' mosquito '

[ũ] ocorre nos demais ambientes.

(cf. exs. 404 a 426).

Assim: /ũ/ -----> [ü] ou [õ] / sílaba não-acentuada, ~ [ũ].  
-----> [ũ] / n.d.a.

## 3.2. OPOSIÇÃO.

### 3.2.1. CONSOANTES.

As consoantes abaixo apresentam-se em contraste ou oposição em ambientes foneticamente idênticos (pares mínimos) ou análogos (pares análogos).

/p/ : /b/

(495)	/upá/	[ù'pá?]	' meu pai '
(496)	/ubá/	[ù'bá?]	' debulhar (milho) '
(497)	/apí/	[à'pí]	' cachorro '
(498)	/ebí/	[è'bí?]	' machucado, inchaço '
(499)	/tapá/	[là'pá?]	' derramar '
(500)	/?úbá/	[?úbá?]	' resp. afirm. (fala masculina) '

/p/ : /m/

(501)	/pakua/	[pàkù'á?]	' banana '
(502)	/makíá/	[mà'kíá?]	' algodão branco '
(503)	/ipaká/	[ìpà'ká]	' osso, caroço (dele) '
(504)	/imaká/	[ìmà'ká?]	' namorada(dele); criação(dele) '

/p/ : /k/

(505)	/pariá/	[pà:rì'á]	' tucunaré '
(506)	/karia/	[kà:rì:'à?]	' festa, dança '
(507)	/perumá/	[pèrù'má?]	' macaco-prego '
(508)	/kurumá/	[kùrù'má]	' lagarto '
(509)	/patí/	[pà'tí?]	' buriti (árvore) '
(510)	/katí/	[kà'tí?]	' papagaio '

- (511) /p+rí/ [pʰ:rí?] 'bambu cortado'
- (512) /k+rí/ [kʰ:rí?]
- /p/ = /h/
- (513) /ipí/ [i'pí]
- (514) /ihí/ [i'hí]
- (515) /yakúhá/ [yà'kúhá]
- (516) /yakúpá/ [yá'kó'pá]
- (517) /tápá/ [tá'pá?]
- (518) /bahá/ [bà'há?]
- /p/ = /ʔ/
- (519) /kapá/ [kà'pá?]
- (520) /kaʔá/ [kà'ʔá?]
- (521) /kupá/ [ku'pá]
- (522) /ʔuʔá/ [ʔù'ʔá?]
- (523) /upá/ [ù'pá?]
- (524) /ʔuʔá/ [ʔù'ʔá?]
- (525) /tápá/ [tá'pá?]
- (526) /ʔaʔá/ [ʔà'ʔá?]
- /p/ = /š/
- (527) /yakarepí/ [yàkàrè'pí?]
- (528) /yakuriší/ [yàkùrì'ší]
- (529) /upá/ [ù'pá?]
- (530) /ušá/ [ù'šá?]

/p/ : /t/

(531) /wapá/	[wà'pá]	' remédio '
(532) /watá/	[wà'tá?]	' vagina '
(533) /?ipá/	[?ì'pá?]	' pau/madeira '
(534) /?etá/	[?ì'tá?]	' areia, praia '
(535) /upá/	[ù'pá?]	' meu pai '
(536) /utá/	[ù'tá?]	' timbó '
(537) /pakí/	[pá'kí]	' piranha '
(538) /takú/	[tá'kú]	' mutum '
(539) /apá/	[à'pá?]	' pêlo da púbis '
(540) /atá/	[à'tā?]	' capivara '

/p/ : /w/

(541) /warí/	[wà'rí?]	' tamanduá pequeno (esp.) '
(542) /parí/	[pá'rí]	' flauta/nome próprio '
(543) /tawá/	[tà'wá?]	' igarapé '
(544) /?apá/	[?à'pá?]	' derramar '
(545) /awí/	[à'wí?]	' quati '
(546) /apí/	[à'pí]	' cachorro '

/t/ : /d/

(547) /atá/	[à'tā?]	' capivara '
(548) /edá/	[è'dá?]	' saúva-vermelha '
(549) /utú/	[ù'tú]	' abacaxi '
(550) /udú/	[ù'dú?]	' cateto '
(551) /apeta/	[àpè'tá?]	' sangue '
(552) /apidú/	[àpi'dú?]	' esmagar, amassar '

/t/ : /b/

- (553) /ʔetʰ/ [ʔè'tʰ?] ' macuco '
- (554) /ebʰ/ [è'bʰ?] ' machucado, inchaço '
- (555) /utá/ [ùtá?] ' timbó '
- (556) /ʔubá/ [ʔũ'bá?] ' resp. afirm. (fala masculina) '

/t/ : /s/

- (557) /tãtã/ [tã'tã?] ' maracujina '
- (558) /šãšã/ [šã'šã?] ' socozinho '
- (559) /utá/ [ù'tá?] ' timbó '
- (560) /ušá/ [ù'šá?] ' inajá '
- (561) /takú/ [tã'kú] ' mutum '
- (562) /-šakú/ [-šã'kú] ' mastigar '

/t/ : /k/

- (563) /tãtã/ [tã'tã?] ' maracujina '
- (564) /kãkã/ [kã'kã] ' menino (pequeno) '
- (565) /atá/ [à'tã?] ' capivara '
- (566) /aká/ [à'ká?] ' casa '

/t/ : /r/

- (567) /utú/ [ũ'tú] ' abacaxi '
- (568) /úrú/ [ũ'rũ?] ' andorinha '
- (569) /utá/ [ù'tá?] ' timbó '
- (570) /urá/ [ù'rã?] ' sapoti '
- (571) /atá/ [à'tã?] ' capivara '
- (572) /wará/ [wã'rã?] ' macaco (guariba) '

/t/ = /w/

(573) /ipewá/	[ɪpè'wáʔ]	'asa (dele)'
(574) /apeta/	[àpè'tàʔ]	'sangue'
(575) /watá/	[wà'tá]	'vagina'
(576) /tawá/	[táwáʔ]	'igarapé'
(577) /katí/	[ká'tíʔ]	'papagaio'
(578) /awí/	[à'wíʔ]	'quati'

/t/ = /č/

(579) /atá/	[à'tāʔ]	'capivara'
(580) /ačá/	[à'čáʔ]	'carne; ninho de ave'
(581) /tuš/	[tù'šʔ]	'anta'
(582) /čuʔí/	[čù'ʔíʔ]	'filhote de periquito'
(583) /utá/	[ù'táʔ]	'timbó'
(584) /uručá/	[ùrù'čáʔ]	'cascudo'
(585) /takú/	[tá'kú]	'mutum'
(586) /čakúí/	[čá'kííʔ]	'pacu-aranha'
(587) /tarinú/	[tári'nú]	'nome próprio'
(588) /čarína/	[čá'řínà]	'galinha'
(589) /patía/	[pà:tíà]	'murici'
(590) /pičí/	[pí'číʔ]	'traíra (grande)'

/k/ = /r/

(591) /pakí/	[pá'kí]	'piranha'
(592) /parí/	[pá'ří]	'flauta' (e também nome próprio).
(593) /adáká/	[à'wáráʔ]	'verme, larva'
(594) /awará/	[à'wáráʔ]	'macaúba'

(595) /kakáré/	[kà'kárí?]	' jacaré (pequeno) '
(596) /takuráré/	[tākù'rárí]	' jabuti '
(597) /makaší/	[màkà'ší]	' milho '
(598) /waraší/	[wàrà'ší?]	' melancia '
(599) /karuká/	[kàrù'kã?]	' urina '
(600) /adurá/	[àdù'rã?]	' martim-percador '
/k/ : /b/		
(601) /-kahá/	[-kà'há?]	' banha '
(602) /bahá/	[bà'há]	' caminho, estrada, rua '
/k/ : /t/		
(603) /kapá/	[kà'pá?]	' marimbondo '
(604) /tápá/	[tã'pá?]	' derramar '
(605) /kap <sup>+</sup> čá/	[kà'p <sup>+</sup> čã?]	' sereno '
(606) /-táp <sup>+</sup> ká/	[-tã'p <sup>+</sup> kã]	' filho (de homem) '
(607) /ka?á/	[kà'ʔá?]	' mato '
(608) /ta?ú/	[tã'ʔú?]	' lagarta '
/k/ : /ʔ/		
(609) /aká/	[à'ká?]	' casa '
(610) /?a?á/	[ʔà'ʔá]	' morcego '
(611) /karuká/	[kàrù'kã?]	' urina '
(612) /ahu?á/	[àpù'ʔá?]	' peneira '
(613) /adáká/	[à'dáká?]	' verme, larva '
(614) /awá?á/	[à'wáʔá?]	' cará '



/k/ : /s/

(615) /-t̥apʰsá/ [-t̥à'pʰsá?] 'rosto, face'

(616) /-t̥apʰká/ [-t̥à'pʰká] 'filho (de homem)'

(617) /aká/ [à'ká?] 'casa'

(618) /asá/ [à'sá?] 'saquí'

/k/ : /ç/

(619) /kaʔá/ [kà'ʔá?] 'mato'

(620) /čaʔá/ [čà'ʔa:ʔ] '(ele) quer ir embora'

(621) /kakáré/ [kà'kárí?] 'jacaré (pequeno)'

(622) /čača'ri/ [čāčā'rī?] 'sarro (peixe)'

(623) /karuká/ [kàrù'kā?] 'urina'

(624) /k̥r̥t̥'ča/ [k̥r̥t̥'čà?] 'pacu (esp.)'

(625) /kuʔí/ [kõ:ʔí?] 'mosquito (de cabeça vermelha)'

(626) /čuʔí/ [čũ'ʔí?] 'filhote de periquito'

/k/ : /w/

(627) /kapá/ [kà'pá?] 'marimbondo'

(628) /wapá/ [wà'pá?] 'remédio'

/k/ : /y/

(629) /karuká/ [kàrù'kā?] 'urina'

(630) /yákupá/ [yáku'pá?] 'mingau (quente)'

(631) /makásu/ [mà'kásù] 'vento'

(632) /mayáká/ [mà'yáká] 'mandioca'

(633) /čukáyá/ [cũ'káyá] 'flecha (para matar bicho)'

(634) /mayáká/ [mà'yáká?] 'mandioca'

/k/ : /j/

- (635) /ikásu/ [i'kásu:] 'liso'  
 (636) /ijá/ [i:'já?] 'mãe'  
 (637) /aká/ [a'ká?] 'casa'  
 (638) /aíá/ [a:'jái?]

/k/ : /š/

- (639) /káká/ [k'k'k'] 'menino (vocal.)'  
 (640) /šášá/ [š'š'š'] 'socozinho'  
 (641) /ka?á/ [kà'?'á?]  
 (642) /ša?á/ [šà'?'ā?]  
 (643) /aká/ [a'ká?]  
 (644) /ašá/ [a'š'š'] 'chifre'

/?/ : /ʒ/

- (645) /?a?ú/ [?'a'?'ú?]  
 (646) /ʒa?ú/ [ʒ'a'?'ú?]

/?/ : /r/

- (647) /awá?á/ [a'wá'?'á?]  
 (648) /awárá/ [a'wára'?'á?]  
 (649) /ahu?á/ [a'pú'?'á?]  
 (650) /adurá/ [adù'rá]  
 (651) /urí/ [ø'r[?]  
 (652) /?a?í/ [?'a'?'í:?]

/ʔ/ : /h/

(653) /ʔaʔá/	[ʔà'ʔúʔ]	' lagarta '
(654) /ʔahú/	[ʔa'púʔ]	' mutum-cavalo '
(655) /ʔutakú/	[ʔùtá'kúʔ]	' timbó(+fraco, de aço + lenta) '
(656) /huakú/	[pùá'kú]	' tempo de chuva (inverno) '
(657) /kaʔá/	[kà'ʔáʔ]	' mato '
(658) / -kahá/	[-kà'háʔ]	' banha, gordura '
(659) /ʔeʔú/	[ʔè'ʔú]	' preso '
(660) /ʔehú/	[ʔè'pú]	' cachoeira '

/m/ : /b/

(661) /amítá/	[à'mítáʔ]	' macaco (6) '
(662) /abeatá/	[àbèà'táʔ]	' roupa '
(663) /mápʔ/	[má'pʔ]	' mosquito '
(664) /baʔʔ/	[bà'ʔʔ]	' paca '
(665) /amíá/	[ã'míáʔ]	' macaco (3) '
(666) /ubiʔá/	[ùbi'ʔáʔ]	' ovo '

/m/ : /n/

(667) /makurú/	[màkù'ʔúʔ]	' espinho '
(668) /nakurú/	[nàkù'ʔúʔ]	' coelho '
(669) /imámǎ/	[ĩ'mǎmǎ]	' selvagem, do mato (bicho) '
(670) /inámǎ/	[ĩ'nǎmǎʔ]	' corda (de qualquer tipo) '
(671) /amíá/	[à'míáʔ]	' macaco (3) (esp.) '
(672) /aníá/	[à'níáʔ]	' esposa '

/n/ : /r/

- (673) /piná/ [pĩ'ná?] 'anzol'
- (674) /p+rá/ [pʔ'rá?] 'pulga, bicho-de-pé'
- (675) /ananá/ [ànàn'á?] 'nome próprio'
- (676) /karará/ [kà'ʔʔʔʔ?] 'pavão'
- (677) /aníá/ [à'níá?] 'esposa'
- (678) /pari'á/ [pà:rì'á] 'tucunaré'

/r/ : /d/

- (679) /wará/ [wā'rá?] 'macaco (guariba)'
- (680) /iyawadá/ [ì:yawà'dá?] 'nome próprio'
- (681) /peru/ [pə'rù?] 'nome dado aos suyá'
- (682) /udú/ [ù'dú?] 'cateto'
- (683) /pádáku/ [pá:dákù] 'socar pilão'
- (684) /párahú/ [pá:rápù] 'novo'

/t/ : /d/

- (685) /akutí/ [àkù'tí] 'cutia'
- (686) /adí/ [à'dí] 'ardido'
- (687) /bata'tá/ [bàtà'tá?] 'marreco'
- (688) /kuradadá/ [kùradá'dá?] 'sapo (esp.)'
- (689) /yawitú/ [yà:tí'tú?] 'gavião-tesoura'
- (690) /apidú/ [àpì'dú?] 'esmagar/amassar'

/l/ : /z/

- (691) /awtá/ [àw'tá] 'mel'
- (692) /apíza/ [àp't'dzà] 'cocar, chapéu'
- (693) /etá/ [é'tá?] 'castanha-do-pará'
- (694) /izá/ [ì'zá?] 'nome (dele)'

/t/ : /h/

- (695) /koatá/ [kòà'tá?] 'aldeia, cidade'  
 (696) /koaha/ [kòà'hà] 'faca, pedra'  
 (697) /batatá/ [bàtá'tá?] 'marreco'  
 (698) /bahá/ [bà'há?] 'caminho, estrada, rua'

/s/ : /z/

- (699) /isá/ [i'sá?] 'pele (dele)'  
 (700) /izá/ [i'zá?] 'nome (dele)'  
 (701) /sú'sú/ [sú'sú?] 'leque, abano'  
 (702) /pázú/ [pá'zú?] 'sapo pequeno (esp.)'

/s/ : /š/

- (703) /makásu/ [mà'kásù] 'vento'  
 (704) /maka'ší/ [màkà'ší?] 'milho'  
 (705) /sá/ [sá] 'nascer'  
 (706) /ašá/ [à'šá?] 'chifre'  
 (707) /asá/ [à'sá?] 'sagüi'  
 (708) /ašá/ [à'šá?] 'chifre'  
 (709) /aší/ [à'ší?] 'fogo'  
 (710) /asá/ [à'sá?] 'sagüi'

/s/ : /d/

- (711) /?idúrĩ/ [?'dúrĩ] 'curto'  
 (712) /asúrĩ/ [à'sú:rĩ] 'vermelho'

/s/ : /h/

- (713) /asá/ [à'sá?] ' sagiti '
- (714) /bahá/ [bà'há?] ' caminho, estrada, rua '
- (715) /súsú/ [sú'sú?] ' leque, abano '
- (716) /u'hú/ [u'pú] ' urubu '

/š/ : /z/

- (717) /aší/ [à'ší?] ' fogo '
- (718) /azí/ [à'zi:] ' criança, menino '

/z/ : /d/

- (719) /záráki/ [ 'záráki] ' curica '
- (720) /dawakí/ [dàwà'kí] ' nome próprio '
- (721) /azí/ [à'zi:] ' criança, menino '
- (722) /adí/ [àdǐ?] ' ardido '

/š/ : /č/

- (723) /awači'?'í/ [àwáčǐ'?'í?] ' arroz '
- (724) /šawášía/ [šā'wášíà] ' capineiro '
- (725) /pišá/ [pǐ'sā:]? ' gato (domesticado) '
- (726) /piča/ [pǐ'čā?] ' peixe '

/š/ : /j/

- (727) /ašihá/ [àsi'há] ' índio arara '
- (728) /aǐihá/ [à'jihá] ' formiga '

/h/ : /y/

- (729) /čukáyá/ [čù'káyá] ' flecha (p/matar bicho) '
- (730) /čukáhá/ [čù'káhá] ' arco '

/h/ : /r/

- (731) /-kahá/ [-kà'há?] 'banha, gordura'
- (732) /kará/ [kàrà?] 'passou'
- (733) /uráhú/ [ù'rápú] 'grande, gordo'
- (734) /uráru/ [urárù] 'sapo pequeno (esp.)'
- (735) /uhú/ [ũ'pú?] 'urubu'
- (736) /úrtú/ [ũ'pũ?] 'andorinha'

/č/ : /j/

- (737) /mariča/ [mà'ričá?] 'caxiri (em grande quantidade)'
- (738) /iĵa/ [i:ĵá] 'mulher'
- (739) /piča/ [pĩ'čá?] 'peixe'
- (740) /yuĵá/ [yù'ĵá] 'jurúna (auto-denominação)'

/j/ : /d/

- (741) /aĵá/ [à'ĵá:] 'sucuri'
- (742) /edá/ [è'dá?] 'saúva vermelha'
- (743) /aĵihá/ [à'ĵihá] 'formiga/nome próprio'
- (744) /adí/ [à'dí?] 'ardido'

/j/ : /y/

- (745) /i yá/ [i:yá?] 'água, rio'
- (746) /iĵá/ [i:ĵá?] 'mãe'
- (747) /ĵawásĵia/ [ĵá'wásĵiá] 'capineiro'
- (748) /yawarímá/ [yàwà'rímá] 'cebola'

/y/ : /d/

(749)	/puyú/	[pù: 'yú]	' feijão '
(750)	/pudú/	[pò 'dú]	' nome próprio '
(751)	/mayáká/	[mà 'yáká?]	' mandioca '
(752)	/adáká/	[à 'dáká]	' larva, verme '
(753)	/tuyuyú/	[tūyū 'yú?]	' filhote de jaburu '
(754)	/kududú/	[kūdū 'dú?]	' sapo-boi '

/w/ : /b/

(755)	/awí/	[à 'bí?]	' agulha '
(756)	/abí/	[à 'bí?]	' índio '
(757)	/ewá/	[è 'wá?]	' fruta '
(758)	/ubá/	[ù 'bá?]	' debulhar (milho) '
(759)	/watá/	[wà 'tá]	' vagina '
(760)	/bahá/	[bà 'há?]	' caminho, estrada, rua '
(761)	/awí/	[à 'wí?]	' quati '
(762)	/ebí/	[è 'bí?]	' machucado, inchado '

/w/ : /d/

(763)	/ewá/	[è 'wá?]	' fruta '
(764)	/edá/	[è 'dá?]	' saúva-vermelha '
(765)	/adí/	[à 'dí?]	' ardido '
(766)	/awí/	[à 'bí?]	' agulha '
(767)	/watá/	[wà 'tá]	' vagina '
(768)	/daká/	[dà 'ká]	' nome próprio '



/w/ : /z/

- (769) /awí/            [à'wí?]            ' agulha '
- (770) /azí/            [à'zí:]            ' criança, menino '
- (771) /ewá/            [è'wá?]            ' fruta '
- (772) /izá/            [ì'zá?]            ' nome (dele) '

3.2.2. VOGAIS.

3.2.2.1. ORAIS.

As vogais abaixo apresentam-se em contraste em ambientes foneticamente idênticos (pares mínimos) ou análogos (pares análogos):

/i/ : /e/

- (773) /abí/            [à'bí?]            ' índio '
- (774) /abé/            [à'bé?]            ' casca '
- (775) /?i?á/            [?'í'á]            ' fruta '
- (776) /?e?á/            [?'è'á]            ' chorar '
- (777) /?itá/            [?'ì'tá?]            ' pega '
- (778) /?etá/            [?'è'tá?]            ' areia, praia '
- (779) /baiha/            [bài'há?]            ' paxiúba '
- (780) /baeha/            [bāē'hā?]            ' ralador de mandioca '

/i/ : /ɨ/

- (781) /piná/            [pɨná?]            ' anzol '
- (782) /pɨná/            [pɨ'ná?]            ' sarar de doença '
- (783) /mē'íhá/            [mē'íhá?]            ' facão '
- (784) /mãd'ká/            [mã'd'ká]            ' lua '

(785) /anãbí/	[ànã'bí]	' formigão '
(786) /iyũb̄/	[ĩnũ'b̄?]	' ralador de mandioca '
(787) /pič̄a/	[pĩ'č̄ã?]	' peixe '
(788) /p+rá/	[p̄+'rá?]	' pulga '
/í/ = /a/		
(789) /pič̄í/	[pĩ'č̄í?]	' traíra grande (esp.) '
(790) /pič̄a/	[pĩ'č̄ã?]	' peixe '
(791) /warí/	[wà'rí?]	' tamanduá pequeno (esp.) '
(792) /wará/	[wà'rá?]	' macaco guariba '
(793) /p̄+rí/	[p̄+'rí?]	' bambu cortado '
(794) /p̄+rá/	[p̄+'rá?]	' pulga, bicho-de-pé '
(795) /?a?í/	[?ã'í?]	' aqui '
(796) /?a?á/	[?ã'á?]	' morcego '
/e/ = /a/		
(797) /?e?é/	[?è'é?]	' gostoso, saboroso '
(798) /?a?á/	[?ã'á?]	' morcego '
(799) /?e?á/	[?è'á?]	' chorar '
(800) /?a?á/	[?ã'á?]	' morcego '
(801) /?e?ú/	[?è'ú?]	' preso '
(802) /?a?ú/	[?ã'ú?]	' vestir-se '
/e/ = /+/		
(803) /eb̄/	[è'b̄?]	' machucado, inchaço '
(804) /abé/	[ã'bé?]	' casca '
(805) /apeta/	[apè'tã?]	' sangue '
(806) /ap̄/	[ã'p̄]	' cachorro '

/t/ : /a/

(807) /p <sup>h</sup> rá/	[p <sup>h</sup> ráʔ]	' pulga, bicho-de-pé '
(808) /para/	[pà'rà]	' nome próprio '
(809) /ap <sup>h</sup> /	[à'p <sup>h</sup> ]	' cachorro '
(810) /tápá/	[tā'páʔ]	' derramar '
(811) /k <sup>h</sup> pá/	[k <sup>h</sup> pá]	' piolho '
(812) /kapá/	[kà'páʔ]	' marimbondo '
(813) /duʔ <sup>h</sup> /	[dù'ʔ <sup>h</sup> ʔ]	' tatu médio (esp.) '
(814) /dúʔá/	[dú'ʔáʔ]	' tatu (genérico) '

/t/ : /u/

(815) /k <sup>h</sup> pá/	[k <sup>h</sup> pá]	' piolho '
(816) /kupá/	[kù'pá]	' cupim '
(817) /mayúr <sup>h</sup> /	[mānù'r <sup>h</sup> ʔ]	' tatu canastra '
(818) /makurú/	[màkù'rúʔ]	' espinho '
(819) /ʔet <sup>h</sup> /	[ʔè't <sup>h</sup> ʔ]	' macuco '
(820) /ehú/	[è'pú]	' cachoeira '

/u/ : /a/

(821) /arupa/	[àrù'páʔ]	' aguapé '
(822) /arapa/	[àrà'páʔ]	' arara vermelha '
(823) /ʔuʔá/	[ʔū'ʔáʔ]	' caranguejo '
(824) /ʔaʔá/	[ʔā'ʔáʔ]	' morcego '
(825) /ʔaʔú/	[ʔā'ʔúʔ]	' vestir-se '
(826) /ʔaʔá/	[ʔā'ʔáʔ]	' morcego '
(827) /ʔuʔá/	[ʔū'ʔáʔ]	' caranguejo '
(828) /ʔaʔá/	[ʔā'ʔáʔ]	' morcego '

- (829) /yakuriší/ [yakòri'ší] 'beija-flor'  
 (830) /yakarepí/ [yakàrè'pí] 'nome próprio'

### 3.2.2.2. NASAIS.

/i/ : /i/

- (831) /ušíší/ [ù'šíší] 'pássaro'  
 (832) /išíší/ [í'ší'ší] 'pintado, malhado'  
 (833) /ʔaʔi/ [ʔa'ʔiʔ] 'aqui'  
 (834) /ʔaʔí/ [ʔa'ʔíʔ] 'pimenta'  
 (835) /kuʔí/ [kò:'ʔíʔ] 'amendoim'  
 (836) /kuʔí/ [kò:'ʔíʔ] 'mosquito (de cab.vermelha)'

/e/ : /a/

- (837) /aší/ [à'ší] 'fogo'  
 (838) /ašá/ [à'šá] 'chifre'

/e/ : /ẽ/

- (839) /yãbeʔé/ [ɲãbè'ʔéʔ] 'largo, muito amplo'  
 (840) /amaẽ/ [àmà'ẽ] 'tamanduá (grande)'

/ɨ/ : /ɨ/

- (841) /sešĩkɨ/ [sèšĩ:'kɨ] 'nosso quadril'  
 (842) /kuakɨ/ [kò'kɨ] 'tempo de seca, verão'  
 (843) /sekɨ/ [sè'kɨ] 'nossa perna'  
 (844) /kuakɨ/ [kò'kɨ] 'tempo de seca, verão'

/a/ : /ã/

- (845) /káká/ [ká'ká] 'jacu/jacupemba'
- (846) /kã kã/ [kã'kã] 'menino (vocativo)'
- (847) /ahúá/ [à'púá?] 'veado'
- (848) /ãhúá/ [ã'púá] 'galho'
- (849) /?e?á/ [?è'á?] 'chorar'
- (850) /?e?ã/ [?è'ã?] 'pilão'
- (851) /?i?á/ [?ì'á?] 'fruta'
- (852) /?i?ã/ [?ì'ã?] 'bico'

/u/ : /ũ/

- (853) /ubá/ [ù'bá?] 'debulhar (milho)'
- (854) /?ũbá/ [?ũ'bá?] 'resposta afirm. (fala masc)'
- (855) /naũká/ [nà'úká?] 'espuma'
- (856) /naũka/ [nà'úka:] 'não se pintou ainda'
- (857) /?e?ú/ [?è'ú] 'preso'
- (858) /?e?ũ/ [?è'ũ] 'morto'

/ĩ/ : /ẽ/

- (859) /hẽ/ [hẽ:'] 'resp. afirm. (fala femin.)'
- (860) /ihĩ/ [ĩ'hĩ] 'nome próprio'

/ĩ/ : /ĩ̃/

- (861) /pa'kĩ/ [pà'kĩ̃] 'piranha'
- (862) /kuakĩ̃/ [kũ'kĩ̃] 'tempo de seca, verão'
- (863) /çu?ĩ̃/ [çũ'ĩ̃?] 'filhote de periquito'
- (864) /úĩ̃/ [ú'ĩ̃?] 'porto, parada do barco'

/ɸ/ : /ã/

(865) /kuakɸ/ [kòkʰ'kɸ] 'tempo de seca, verão'

(866) /káká/ [kʰ'kʰ] 'menino'

/u/ : /ã/

(867) /kuruyũ/ [kòrũ'ũ?] 'cua redonda (p/guardar óleo)'

(868) /kukuyá/ [kòkũ'kʰ] 'centopeia'

(869) /?e?ũ/ [?è'?'?] 'morto'

(870) /?e?á/ [?è'?'?] 'raposa'

### 3.3. QUADROS DE FONEMAS.

Pelo exposto de 3.1. a 3.2., observou-se que o Jurúna apresenta 28 fonemas segmentais, sendo 18 consoantes e 10 vogais (8).

#### QUADRO DAS CONSOANTES (9)

	SUPRAGLOTAIS				GLOTAIS
Obstruintes	p	t	č	k	ʔ
	b	d	ǰ		
		s	š		h
		z			
Sonorantes	m	n			
	w	r	y		
		ɾ			

#### QUADROS DAS VOGAIS

	Anterior	Central	Posterior
Alta	i	ɨ	
Baixa	e	a	u

#### ORAIS

Alta	ĩ	ɨ̃	
Baixa	ẽ	ã	ũ

#### NASAIS

O sistema vocálico apresentado pela língua jurúna - com oposição vertical (alta x baixa) para anteriores e centrais e ausência de tal oposição para as posteriores, tanto para vogais orais como nasais - é um dos dois tipos básicos de sistemas vocálicos de línguas do Tronco Tupi. Esse tipo de sistema ocorre na maioria das línguas Tupí-Guaraní, como pude observar em um levantamento comparativo, com vistas a uma tipologia, que realizei há poucos anos (ver Martins, 1988). Observei também que línguas Tupí geralmente apresentam, como o Jurúna, vogais nasais fonemicamente relevantes.



### 3.4. PROPAGAÇÃO DA NASALIDADE.

O Jurúna apresenta o fenômeno, freqüentemente descrito em línguas Tupi, de propagação da nasalidade. Segundo Ruhlen (1978, p.213), em algumas línguas, como o Guaraní, o traço [+ nasal], sempre tido como de segmentos individuais, pode-se tornar um traço de morfemas inteiros, ou seja, pode ser propagado, estendido a sílabas e morfemas. Tal processo pode ser observado nos seguintes exemplos do Jurúna, entre outros:

- (871) [ã' tã] ' abacaxi '
- (872) [ẽ' tã?] ' castanha-do-pará '
- (873) [kõ: ' tã?] ' mosquito (de cabeça vermelha) '
- (874) [ĩ' nãmã] ' corda (dele) '
- (875) [kõ' kã] ' verão (tempo de seca) '

Nesses exemplos seria extremamente incomum que todas as vogais nasais fossem tidas como fonêmicas. Então, postulado o processo de propagação, qual seria a vogal intrinsecamente nasal em cada palavra? Ruhlen (op.cit) afirma que na maioria dos trabalhos de descrição de línguas o que baseia a decisão de quais sejam as vogais inerentes (ou fonêmicas) é o senso-comum, e não um tratamento teórico: "Linguists and laymen alike can apparently reconize a NV [= nasal vowel] when they see one, whether or not they are aware of the latest theoritical developments".

Não creio ser esse o caso daqueles que trabalham com línguas Tupi, pois estas, por apresentarem geralmente o referido processo de propagação, sempre suscitam discussões teóricas em torno da definição da vogal nasal inerente, ou fonêmica.

D. Rodrigues (1990), por exemplo, afirma que no Guaraní Antigo a vogal intrinsecamente nasal em uma palavra é a vogal da sílaba tônica. Para o Guaraní Mbyá, Guedes (1991) apresenta explicação semelhante, postulando também o "acento nasal".

Era de se esperar que o Jurúna, língua classificada como pertencente ao Tronco Tupi, também tivesse essa situação para as vogais nasais. Em 3.2.2.2. foram determinadas as vogais nasais fonêmicas observando-se a ocorrência de contraste na sílaba mais à direita, em final de palavra. Seria, portanto, a vogal da última sílaba da palavra (ou do morfema - hipótese em estudo) a intrinsecamente nasal. Tal sílaba não é, necessariamente, a acentuada. O acento, inclusive, como parâmetro para a definição da vogal <sup>nasal</sup> não seria adequado uma vez que não é considerado fonêmico por ter sua localização definida pelo tom. Percebe-se, portanto, uma diferença básica quanto à nasalidade entre o jurúna e as referidas línguas.

Apesar da evidência de relação com o nível suprasegmental, ou seja com o tom (casos de perturbação tonal não apresentados neste trabalho), a nasalidade é melhor tratada, no momento, em uma análise segmental. Fatores que servem de argumento a favor disso:

- a) depreende-se uma direcionalidade na propagação da nasalidade: regressiva, ou seja, da direita para a esquerda.

b) a propagação é linear, afeta os segmentos vocálicos e consonantais um a um, sem alternâncias.

Estes dois fatores são apresentados como critério para a distinção entre análise segmental e suprasegmental por Hyman (1975). Eles são também observados na reanálise da nasalidade em Mbyá feita por Dooley (1989); sua análise diferencia-se da proposta por Guedes (1991) justamente por observar os dois fatores acima (Guedes (op.cit.), inclusive, vê a propagação ocorrendo nas sílabas e não nos segmentos), e por não associar a nasal intrínseca à sílaba tônica. Dooley também leva em consideração informações da morfologia da língua para dar conta do processo de propagação da nasalidade e emprega a metodologia de análise da fonologia gerativa.

Nesta análise <sup>não</sup> específico todos os fatores do processo de propagação uma vez que parecem estar envolvidos com processos morfológicos ainda não completamente analisados. Um estudo gramatical acurado poderá, certamente, aclarar hipóteses em andamento.

Em resumo, postulo para a nasalidade em Jurúna o seguinte:

- 1) a vogal intrinsecamente nasal é a que se encontra na última sílaba da palavra (ou morfema).
- 2) a propagação da nasalidade é regressiva.

3) o impedimento da propagação ocorre:

- nas fronteiras de palavras (mas não de morfemas).
- na presença das obstruintes sonoras: /b/, /d/, /j/, /z/.

A aplicação dos princípios acima pode ser observada em 3.2. na escrita fonêmica. Casos há em que optei por uma solução não prevista de acordo com o que foi exposto, mas baseada em conhecimento de dados gramaticais não explicados no presente estudo.

### 3.5. DISTRIBUIÇÃO DOS FONEMAS.

#### 3.5.1. PADRAO SILÁBICO.

Os padrões do Jurúna são: CV e V. Não há consoante em final de sílaba (foneticamente, contudo, pode ocorrer [ʔ] em final de palavra), nem encontro consonantal (ver nota 6). Sequência de duas vogais em uma sílaba (ditongo) só ocorre em velocidade rápida de fala. Há, entretanto, seqüências V#V na língua.

Os dois padrões, CV e V, podem ocorrer tanto em sílaba acentuada como em não-acentuada, e tanto em sílaba com tom alto como em sílaba com tom baixo. Ex.:

- |       |          |            |             |            |
|-------|----------|------------|-------------|------------|
| (876) | /sɨ́/    | [sɨ́.ʔ]    | ' aranha    | ' CV.V     |
| (877) | /nasusú/ | [nàsù'súʔ] | ' borboleta | ' CV#CV.CV |
| (878) | /awí/    | [á.wíʔ]    | ' quati     | ' V.CV     |

Os padrões também podem ocorrer isolados, ou seguindo ou precedendo um ao outro.

As doze vogais da língua podem ocorrer como sílabas separadas (cf. 2.2.).

3.5.1.1. QUADRO DE COMBINAÇÕES DE CONSOANTES E VOGAIS EM UMA SILABA (CV).

	i	í	u	e	a	ĩ	ĩ	ũ	ẽ	ã
p	+	+	+	+	+	+	+	-	-	+
t	+	+	+	+	+	+	-	+	-	+
ç	+	+	+	+	+	+	-	-	-	+
k	+	+	+	+	+	+	+	+	-	+
?	+	+	+	+	+	+	-	+	+	+
b	+	+	-	+	+	-	-	-	-	-
d	+	+	+	+	+	-	-	-	-	-
ɣ	+	-	+	-	+	-	-	-	-	-
s	-	-	+	+	+	+	-	+	-	+
ʃ	+	-	+	-	+	+	-	-	-	+
h	+	+	+	-	+	+	-	+	-	+
z	+	-	+	-	+	-	-	-	-	-
m	+	+	+	+	+	+	-	+	+	+
n	+	-	+	-	+	-	-	-	-	+
w	+	+	-	-	+	-	-	-	-	+
r	+	+	+	+	+	+	-	+	-	+
y	-	-	+	-	+	-	-	+	-	+
ʔ	+	-	+	-	+	-	-	+	-	+

Observa-se nesse quadro que:

- 1) - Não há ocorrência de obstruintes sonoras (/b/, /d/, /ɣ/, /z/) com vogais nasais (10)

2) - A sonorante /y/ só ocorre com as vogais /a/ e /u/ e suas correspondentes nasais, /ɶ/ e /ɑ̃/.

3) - /ʒ/ tem quase a mesma distribuição de /y/, mas, diferentemente deste, pode ocorrer também com /i/.

3.5.2. PALAVRA.

3.5.2.1. DISTRIBUIÇÃO DAS CONSOANTES.

	#' ___ v	# ___ v	S' ___ v+	\$ ___ v\$
p	+	+	+	+
t	-	+	+	+
c	-	+	+	+
k	+	+	+	+
?	-	+	+	+
b	-	+	+	+
d	-	+	+	+
ʒ	-	+	+	+
s	-	+	+	+
ʃ	+	+	+	+
h	+	+	+	+
z	-	+	+	+
m	+	+	+	+
n	-	+	+	+
w	+	+	+	+
r	-	-	+	+
y	-	+	+	+
ɶ	-	+	+	+

Para a confirmação da distribuição mostrada no quadro acima, e da mostrada no quadro a seguir, confira o capítulo 2.

Observa-se nesse quadro que:

- 1) - Da série de obstruintes, somente /p/, /k/, /š/ e /h/ apresentam-se em sílaba inicial acentuada;
- 2) - Entre as sonorantes, somente /m/ e /w/ apresentam-se em sílabas iniciais acentuadas;
- 3) - /r/ é a única consoante que não aparece em sílaba inicial.

3.5.2.2. DISTRIBUIÇÃO DAS VOGAIS.

	#'(C)__(C)V	#(C)__(C)V	\$(C)__(C)V\$	\$(C)__(C)V\$
i	+	+	+	+
f	-	+	+	+
u	+	+	+	+
e	-	+	+	+
a	+	+	+	+
ĩ	-	+	+	+
ŕ	-	-	+	+
ũ	-	+	+	+
ẽ	-	+	+	+
ã	-	+	+	+



Observa-se nesse quadro que:

- 1) - Entre as vogais orais somente /i/ e /e/ não aparecem em sílabas iniciais acentuadas;
- 2) - /ɨ/ é a única vogal que não ocorre em sílaba inicial.

## II - SUPRASEGMENTAL.

### 3.6. TOM.

#### 3.6.1. CLASSIFICAÇÃO DO SISTEMA JURÚNA.

O Jurúna é definido como uma língua tonal. Línguas desse tipo possuem a característica básica de apresentar em cada sílaba tom relativo ("relative pitch") lexicalmente significante, ou contrastivo, segundo a definição de PIKE (1972). No Jurúna, cada sílaba apresenta apenas um tom significativo (há línguas com mais de um tom por sílaba), e esse tom pode ser de nível (pontual), ou de "glide" (em que ocorrem deslizes para abaixo ou para cima como pequenos "glissandos"). Diante disso, o sistema tonal do Jurúna poderia ser classificado como:

- 1) Sistema de contorno em que "glides" contrastam e constituem unidades tonêmicas.
- 2) Sistema de registro em que tons de nível contrastam e constituem unidades tonêmicas.
- 3) Sistema misto: de registro e de contorno.
- 4) Sistema de registro, com ocorrência de "glides" como variantes de tons de registro.

A primeira hipótese é descartada uma vez que "glides" ocorrem em pequena quantidade, e não apresentam contraste; isso, contudo, não valida a segunda hipótese, uma vez que os glides não podem ser, simplesmente, descartados dos dados, e, portanto, não pode ser postulado um sistema de registro puro. A terceira hipótese é descartada pelos mesmos motivos com que foi descartada a primeira.

Dessa forma, resta a hipótese, mais provável, de uma língua de sistema de registro, com "glides" como variantes.

Tons que ocorrem, foneticamente, no jurúna: [´] alto, [-] médio, [˘] baixo, [ˋ] descendente e [ˊ] ascendente. Fonemicamente, como será explicado depois, há somente tom // alto e tom baixo (não marcado).

Uma questão ainda, quanto à classificação do sistema tonal, poderia ser levantada: há casos de tom significativo, (distintivo) em língua não-tonal. Neste caso, o tom contrastivo estaria limitado a certos contextos somente. Por exemplo, tom contrastivo em sílabas acentuadas ou em vogais longas (línguas citadas por Pike, como o Norueguês, o Sueco e um dialeto do Japonês são desse tipo). Embora exemplos de tom contrastivo sejam encontrados no jurúna, não parece haver para eles um condicionamento, e mesmo a pequena quantidade não implica em desconsiderá-lo como língua tonal. Segundo Pike: "In contour-tone systems, as in register-tone types, some languages lean more heavily upon the tonemes for meaning distinctions than do others. But the systematic function of the tone is extremely important to the contrasts of the language even when meaning rarely depends upon it".

Exemplos de contraste pelo tom:

(879) /aʔá/	[ʔā'ʔáʔ]	' morcego '
(880) /ʔaʔa/	[ʔā'ʔà]	' pênis '
(881) /wári/	[wā'ríʔ]	' pica-pau '
(882) /warí/	[wà'ríʔ]	' tamanduá (pequeno) '

(883)	/tahu/	[tá'pú?]	' mutum-cavalo '
(884)	/tahu/	[tá'pù]	' arraia '
(885)	/b <sup>h</sup> daha/	[b <sup>h</sup> dá'hà?]	' pé, chinelo, sapato '
(886)	/b <sup>h</sup> dahá/	[b <sup>h</sup> dá'há?]	' rastro de bicho ou de gente '
(887)	/upá/	[ù'pá?]	' meu pai '
(888)	/úpá/	[ú'pá?]	' folha '
(889)	/upíhá/	[ù'píhá?]	' palha '
(890)	/upíha/	[ù'píhá:]	' seringueira '

3.6.2. QUESTÕES METODOLÓGICAS.

À respeito da utilização de "frames" (contextos controlados para análise do tom), proposta por Fike (1972), acredito ser esse um método prático e produtivo na descoberta dos tonemas, uma vez que direciona o trabalho, dinamiza-o. Mas, sua utilização nos estágios iniciais da pesquisa de uma língua é um tanto complicada e, a meu ver, desaconselhável.

Isto porque os "frames" podem viciar os dados, mascarando mudanças tonêmicas que poderiam estar ocorrendo dentro dos próprios "frames", o que levaria a análises errôneas, comprometendo - ras no avanço do estudo da língua. Fike já havia ressaltado esse perigo, mas suas propostas para a superação do problema não são viáveis para aqueles que começam no estudo da língua, porque pressupõem um conhecimento um tanto grande de processos morfológicos, e mesmo morfofonológicos da língua em questão. Ora, num estágio inicial, em que sequer uma análise dos segmentos consonantais e vocálicos foi concluída, tais requisitos constituem exigência prematura.

No caso do Jurúna, conto com uma análise preliminar dos marcadores de pessoa - a ser confirmada com dados adicionais e com observações a respeito de mudanças morfo-fonêmicas, do ponto de vista do que podemos chamar de "análise morfológica"; em sintaxe limito-me a considerações preliminares numa tentativa de comparação tipológica (tais considerações não constam deste trabalho). Isto, contudo, não é suficiente para preencher os referidos pré-requisitos.

Esta análise preliminar do sistema fonológico do jurúna, apesar do exposto acima, baseia-se em transcrição fonética tão precisa quanto me é possível. Não observei condicionamento de consoantes e vogais feito pelo tom, e é pouco provável que entre resultados diferentes após tratamento exaustivo por "frames".

Pude coletar pares mínimos para tom (exemplos 879 a 890) junto aos informantes, em pronúncias consecutivas e não resgistrando qualquer mudança de "timbre" (que Pike chama de "Key") na voz dos informantes. Tais pares de palavras foram coletados em seqüência, obtidos:

- 1) por pronúncias minhas, deliberadamente incorretas, de itens conhecidos (o informante, então, repetia o par e dava os significados diferentes) ou..
- 2) por sugestão, algumas vezes, do próprio informante (Pari<sup>✓</sup>), que compreendia minhas intenções e fornecia pares (checados por mim, posteriormente, com outros informantes).

3.6.3. ANALISE.

O problema maior encontrado ao trabalhar com tais dados refere-se à dificuldade de análise do tom médio [-]. Este não pode ser tratado, bem como os demais tons, em termos absolutos, mas relacionais. Sua existência é evidente em itens com mais de duas sílabas, em que ele aparece por oposição aos tons vizinhos. Mas, não há como comprovar seu "status fonológico" uma vez que apresenta-se condicionado, justamente, pelo ambiente em que ocorre.

Assim, numa tentativa inicial de análise proponho [-] como variante de / ' / tom alto e tom baixo (não marcado na escrita fonêmica). Em início de palavra, precedendo, principalmente, sílaba(s) acentuada(s) de tom alto, [-] ocorre como variante de tom baixo. Exs.:

- (891) /uhú/            [ũ'pú?]            ' urubu '
- (892) /uráru/        [ũ'rárũ]            ' sapo pequeno (esp.) '

Em sílaba acentuada precedido por tom baixo, [-] passa a variante de / ' / tom alto. Exs.:

- (893) /ap' /            [ãp' ]            ' cachorro '
- (894) /karuká/        [kãrũ'ká?]        ' urina '

Para a decisão em casos de ocorrência de somente tons médios, foram levadas em consideração estruturas, que poderiam ser comparadas a "frames", de que disponho em meus dados, para a análise como tom alto ou baixo. Exs.:

- (895) [pĩ'čã?]            ' peixe '
  - (896) [pĩ'čãĩ'b'čĩá?]        ' peixe cru '
  - (897) [pĩ'čã'n'čnũ]        ' peixe "verde" (= 'cru') '
- Assim:            /pičã/            ' peixe '

Com relação aos "glides", tendo em vista sua menor ocorrência e ausência de contrastividade, não há, por ora, como comprovar para eles "status fonêmico". Basicamente, os mesmos procedimentos utilizados com relação ao tom médio [-] foram aplicados aos glides [ / ] ascendente e [ \ ] descendente, ou seja, ora variantes do tom / ' / alto, ora variantes do tom baixo.

Os glides podem ocorrer com vogais longas ou com duas vogais diferentes, no primeiro caso tanto em sílabas acentuadas como em não-acentuadas, e no segundo caso em final de palavra.

Exs.:

- (898) /pišá/ [pi'šá:] ' gato (domesticado) '
- (899) /azí/ [à'ái:] ' criança, menino '
- (900) /ikásu/ [i'kásu:] ' liso '
- (901) /atá/ [à'tá:] ' batata-doce '

Nos três primeiros exemplos, não são postuladas duas vogais idênticas para as vogais longas uma vez que sua pronúncia (Ex.: \* [pi'šáá]) não é aceita pelo falante nativo, e na língua ocorrem sequências de vogais idênticas sem glide: Exs.:

- (902) /kaapa/ [kàà'pá?]' céu '
- (903) /kapá/ [kà'pá?]' marimbondo '

Além disso, e talvez como fator de condicionamento principal, há o fato de que em isolamento, ou seja, pronunciadas separadamente, certas palavras apresentam sílabas com vogais alongadas e glides. É o caso de [à'ái:], que em contextos de orações ocorre como [à'ái]. Tais ocorrências em contexto influenciaram no tratamento dos referidos itens. Segundo Pike (op cit., p.29) a língua Pequinês apresenta tonemas mais longos em sílabas isoladas do que os mesmos tonemas quando incluídos em uma sentença.



O caso de "glide" em duas vogais diferentes é tratado como duas vogais diferentes em sílabas diferentes, devido a pronúncias alternantes desse tipo. Assim:

(904) [a'tʰu:] ~ [a'tʰú]

Evidentemente, estas considerações podem ser modificadas caso, posteriormente, a análise das vogais longas seja modificada (ver nota 8).

Há em tal procedimento menor arbitrariedade do que omitir dados que comprometessem uma análise mais sofisticada. Isto não afasta, contudo, a possibilidade de reanálise das hipóteses levantadas, comprovando-as ou invalidando-as frente a novos dados.

Finalmente, há que ser considerado a possibilidade de ocorrência de tom distintivo na língua Xipáya, cujo grau de parentesco com o Jurúna, particularmente, me interessa. A primeira análise sobre o sistema fonológico da língua, Rodrigues (1990), aponta a possibilidade de haver tom, mas não o analisa fonemicamente.

Talvez o Xipáya apresente um sistema tonal semelhante ao do Jurúna, mas, mesmo que ele seja considerado um dialeto do Jurúna, não é necessário que apresente os mesmos tons que este. Segundo Pike (1972), os tonemas podem ser diferentes em dialetos de uma mesma língua. Os dialetos podem apresentar múltiplas variações:

- 1) Mesmo número de tonemas, com mudanças de tipo sub-contrastivo;

2) Número e tipo de "tonemas" iguais, mas distribuição dos tonemas no léxico diferente em cada dialeto ;

3) Combinação de mudanças de tipo, número e ocorrência de tonemas. ] Portanto, não só a total semelhança deve ser esperada do sistema tonal do Xipáya, mesmo que ele seja considerado um dialeto Jurúna.

### 3.7. ACENTO LEXICAL.

O acento lexical em Jurúna poderia ser analisado como fonémico, ou seja, contrastivo. Os dados abaixo levariam a essa análise:

(905) [pákú'á]	' banana '
(906) [pá'kúá]	' peixe, pacuzinho '
(907) [í:ǎ?]	' mulher '
(908) [ì'ǎ?]	' mãe dele '
(909) [kã:nì'á?]	' comida (genérico) '
(910) [kã:'níá?]	' bicho (genérico) '
(911) [ip <sup>h</sup> 'táhá]	' machado dele '
(912) [ip <sup>h</sup> tá'há?]	' barba dele '
(913) [tãkãri'ká?]	' guerra '
(914) [tãkã'ríkã?]	' contente, alegre '
(915) [ã'púá?]	' veado '
(916) [ãpù'á?]	' peneira '
(917) [ì'nǎǎ?]	' corda '
(918) [ìnǎ'mǎ?]	' seio, peito '

Antes de mais nada, a análise do acento como contrastivo contrariaria um universal lingüístico, exposto por Martinet (1970), que postula que línguas que apresentam tom contrastivo não devem apresentar acento contrastivo também. Caso assim fosse, o Jurúna seria semelhante ao Zapoteca (Pike, 1972), que contraria tal universal. Mas, um exame mais detalhado dos dados revelou que não é esse o caso. Considere-se o seguinte conjunto de dados:

(919)	[ábè'riʔ]	' juriti '
(920)	[ápù'ʔáʔ]	' peneira '
(921)	[á'wáʔáʔ]	' cará (planta) '
(922)	[ì'bá'číáʔ]	' flor '
(923)	[kárà'já'já]	' macaco (esp.) 4 '
(924)	[páràhù]	' novo '
(925)	[á'sàʔ]	' farinha '
(926)	[ú'pá]	' folha '
(927)	[pàkù'á]	' banana '

Estes dados ilustram que, na língua Jurúna, o acento ocorre sempre na última sílaba das palavras e/ou em sílaba de tom alto: pelos exemplos de 919 a 924, observa-se que o acento cai sempre em sílaba de tom alto, e que, pelos exemplos 921 e 922, tal sílaba deve ser sempre a primeira da esquerda para a direita a apresentar tom alto; pelos exemplos 925 a 927 nota-se que, caso não haja tons altos, o acento cai na última sílaba da palavra.

Assim, poderia ser postulada a seguinte regra para o acento na palavras:

" O acento ocorre na primeira sílaba a partir da esquerda, que apresenta tom alto. Caso não haja sílaba com tom alto, o acento ocorre na última sílaba".

Contudo, o exemplo 926 contraria tal regra, por apresentar acento na última sílaba, que apresenta tom alto. Tal exemplo não constitui exceção, como pode ser observado nos dados abaixo:

(928)	[má'pʔ]	' mosquito '
-------	---------	--------------

(929) [ká'ká] ' jacu/jacupemba '

(930) [u'rá?] ' sapoti '

Diante desses dados e de vários outros, a regra anterior deve ser modificada:

" O acento ocorre na primeira sílaba com tom alto da esquerda para a direita. Caso todas as sílabas da palavra apresentem o mesmo tom, o acento ocorre na última sílaba".

Ou seja, na ausência de tons altos na palavra, ou numa sequência de tons iguais (altos ou baixos), o acento recai sobre a última sílaba.

Portanto, concluo que o acento é predizível, não possuindo status fonológico, e que o fator condicionante da ocorrência do acento nas várias posições possíveis é o tom. Desta forma, os dados 912 a 925 constituem excelentes exemplos de pares mínimos para o tom, o que reforça a análise do jurúna como língua de sistema tonal, uma vez que não contraria o universal mencionado anteriormente.

### CONCLUSÃO

A língua jurúna até o momento nunca havia sido estudada. Este é o primeiro trabalho científico sobre ela, que pretende, portanto, contribuir para o seu conhecimento e para estudos comparativos.

Os resultados de análise apresentados aqui estão sujeitos a uma revisão em etapas posteriores de pesquisa. Nesse sentido, a descrição de aspectos gramaticais da língua será de suma importância, como foi apontado na discussão sobre a metodologia para o tratamento do tom: é inegável a necessidade de utilização de conhecimentos mais aprofundados sobre a morfologia da língua para a aplicação dos "frames".

A análise da nasalidade foi tida como preliminar também devido à necessidade de maior avanço na descrição morfológica e apesar dos fatores observados que comprovam a adequação de um tratamento segmental ao processo de propagação, não é descartada a possibilidade de tratá-lo como suprasegmental (pelo relacionamento apontado entre nasalidade e tom).

Assim, meu interesse pela comprovação dos resultados aqui expostos em outros níveis lingüísticos pressupõe etapas posteriores de pesquisa, e mesmo minha continuidade no estudo do jurúna.

## NOTAS

1. Oliveira (1970) faz uma excelente sinopse das informações sobre as migrações jurúna (op.cit.p.26 e 27). No mapa reproduzido a seguir estão marcadas somente algumas datas que se referem a localização mais precisa. Este mapa consta do trabalho citado de Oliveira (p.17), e a ele acresci as informações de Lima (1986) e minhas sobre a localização mais recente dos jurúna.

A referida 'sinopse' extrai somente os dados relativos às datas das localizações assinaladas no mapa. Correta indicação bibliográfica, bem como maiores detalhes sobre a 'odisséia' jurúna, cf. Oliveira, op. cit.

2. As informações do "censo" foram coletadas por mim, tomando como referência os habitantes de cada casa da aldeia, acrescentando os indivíduos residentes fora dela.

3. Segundo C. Rodrigues (1990), somente uma mulher, Mária Xipáya, pôde trabalhar como informante de dados lingüísticos. Ela, e outra senhora bem idosa, chamada Isabel, são, segundo C. Rodrigues, as únicas falantes da língua Xipáya em Altamira, Pará.

4. O som [g] foi encontrado uma vez na palavra: [g̃ũarũ'pl] 'Quarup'. Essa é a única ocorrência da oclusiva velar sonora em todo o 'corpus' de que disponho.

O exemplo é, claramente, um empréstimo na língua Jurúna uma vez que refere-se a uma tradição de povos alto xinguanos, a qual não foi assimilada pelo povo Jurúna, não parecendo pertencer à sua cultura.

5. Este e os demais exemplos de flutuação ocorrem, no mesmo falante, devido à questão de estilo. Geralmente, é a velocidade de fala o fator condicionante. As transcrições alternativas só são apresentadas quando pertinentes.

6. As africadas poderiam ser interpretadas, do ponto de vista fonológico, como consoantes simples ou como encontros de duas consoantes. Como não há caso de encontro de duas consoantes não-ambíguo nas sílabas, elas, as africadas, são representadas como consoantes simples. Inclusive, [dz] é alofone do fonema /z/, que é consoante simples ([dz] está em variação livre com [z]).

Exemplos: [pá'zúʔ]	' sapô (esp.) '
[ápʰ'dzà]	' cocar, chapéu '
[á'ʝíhá]	' formiga '
[pl'čàʔ]	' peixe '

A lateral fricativa, dental, sonora [ʃ] é também interpretada como consoante simples, pelos mesmos motivos



7. Há evidências de que, pelo menos no léxico, haja distinção entre fala masculina e fala feminina. Isto, contudo, carece de maiores averiguações, uma vez que o corpus para esta análise baseou-se em entrevistas com informantes masculinos, somente.

8. As vogais longas da língua por enquanto são tratadas como variações na velocidade de fala, uma vez que, fora do contexto de elicitación, em fala rápida, a duração mais longa não é percebida. Há indícios contudo, de uma relação entre duração vocálica e tom.

Único exemplo de contraste pela duração dos segmentos vocálicos:

[kõ: 'ʔíʔ]	' mosquito (de cabeça vermelha) '
[kõ: 'ʔíʔ]	' amendoim '
[kõ 'ʔíʔ]	' nome de pau/madeira '

Dada a escassez de dados comprovativos do "status fonológico" da duração vocálica, e dos indícios acima mencionados, as vogais longas da língua são encaradas como variações de vogais breves pela velocidade de fala, mesmo nos casos em que há evidências de tom de 'glide'.

9. Classificação in Schane, 1975.

10. Poderiam servir como contra-exemplos os seguintes dados:

[kàrà'dídì] ' nome próprio '  
 [áàààà'áí?] ' tucano '

Contudo, o primeiro caso não é uma pronúncia Jurúna, ao que tudo indica; trata-se do nome do chefe da tribo quando este era criança (seu nome de adulto é Ka'dú) e a pronúncia acima é tida como própria <sup>pe</sup> 'caraíba' (= "homem branco"). A pronúncia 'correta', segundo Tari'nú, seria: [kà'á'dínì].

O segundo caso pode ser explicado como um exemplo <sup>particular</sup> de assimilação da nasalidade, ainda não determinado se regressiva ou progressiva.

## BIBLIOGRAFIA

Adalberto, H. W. (1977) Brasil: Amazonas - Xingu (pelo) Príncipe Adalberto da Prússia, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia.

Collins, I. V. (1962) Formulário dos Vocabulários Padrões para estudos comparativos preliminares nas línguas indígenas brasileiras, m.s.

Coudreau, H. (1977) Viagem ao Xingu, Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Edusp.

Dittmar, N. e B. Schliebenlange (1982) La sociolinguistique dans les pays de langue romane, Tübingen: Narr.

Dooley, R. (1984) "Nasalização na língua Guaraní" in: Estudos sobre Línguas Tupi do Brasil. Série Lingüística, S.I.L.

Escola Paulista de Medicina (1987) Relatório.

Fargetti, C. M. (1991) "Comunidade Jurúna: abordagem preliminar da etnografia da comunicação" (a ser publicado) in: Anais do simpósio "Índios e não-índios: uma interação desigual no limiar do século XXI", UNICAMP, Campinas.

(1967)  
 Fishman, J. "Bilingualism With and Without diglossia; diglossia with and without bilingualism", in: Jornal of Social Issues XXIII, 2, 29-38.

Gabas, N. Jr. (1989) Estudo Fonológico da língua Karo (Arara de Rondônia). Dissertação de mestrado. UNICAMP, Campinas.

Galvão, E. (1952) Breve notícia sobre os índios Jurúna. Rev. Mus. Paulista, São Paulo, nr. ser. 6: 469-77.

\_\_\_\_\_ (1953) Cultura e sistema de parentesco das tribos do Alto Rio Xingu. Boletim do Museu Nacional, N.S. Antropologia nr. 14, Rio de Janeiro.

Gleason Jr., H.A. (1979) An introduction to descriptive linguistics. Holt, Rinehart & Winston, Londres.

Greenberg, J.H. (1978) Universals of Human Language. Vol 2, Stanford: Stanford University Press.

Gudschinsky, S.C. (1967) How to learn an unwritten language. Holt, Rinehart & Winston, Nova York.

Guedes, M. (1991) Subsídios para uma análise fonológica do Mbyá. Campinas: Editora da UNICAMP.

Hamel, R.E. e M.T. Sierra (1983) Diglossia y conflicto intercultural. Boletín de Antropología Americana, nr.8, México: Universidad Autónoma Metropolitana-Iztapalapa..

Hamel, R.E. et alli. (1988) Sociolingüística Latinoamericana. X Congresso Mundial de Sociologia, México, 1982. México: Universidad Nacional Autónoma de México.

Hyman, L. (1975) Phonology: theory and analysis. Holt, Rinchart and Winston.

Kibrik, A.E. (1977) The methodology of field investigations in linguistics (setting up the problem) Monton, The Hague, Paris.

Kietzman, D.W. (1967) "Indians and culture areas of twentieth century Brazil. Indians of Brazil in the twentieth century. ICR Studies 2, DC: Institute for Cross-Cultural Ressearch, Washington.

Ladefoged, P. (1975) A Course in Phonetics. Chicago: University of Chicago Press.

Lima, T.S. (1986) A vida social entre os yudjá (índios jurúna). Elementos de sua ética alimentar. Rio de Janeiro: UFRJ.

Loukotka, C. (1949) Sur quelques langues inconnues de l'Amérique du Sud. Lingua Posnaniensis, Poznan, 1.55-82.

\_\_\_\_\_ (1950) Les langues de la famille Tupi-Guarani. USP, Fac. de Filosofia, Ciências e Letras, Bol. 104, São Paulo.

Martinet, A. (1970) Elementos de Linguística Geral. Livraria Sá da Costa, Lisboa.

Martins Fargetti, C. (1988) "Sistemas Vocálicos em línguas indígenas brasileiras", (a ser publicado) in:

Anais do II Cellip (Centro de Estudos Linguísticos e Literários do Paraná), Londrina.

Mason, J.A. (1950) "The languages of South American Indians". Handbook of South American Indians. 6.157-317, Washington.

Nimuendaju, C. (1923-24) Sur Sprache der Sipáia-Indianes Antropos 18-19. 836-857, Modling bei Wein.

\_\_\_\_\_ (1929) Wortliste der Sipáia-Sprache Antropos 24.821-896, Modling bei Wein.

\_\_\_\_\_ (1948) "Tribes of the lower and middle Xingu river" Handbook of South American Indians, Vol III, bol. 143, Washington, pp. 203-243.

Oliveira, A.E. (1968) Os índios Jurúna e sua cultura nos dias atuais. Bol. Museu E. Goeldi, Antropologia, Belém.

\_\_\_\_\_ e Galvão, E. (1969) Genetic implications of the Demography of Brazilian Jurúna Indians. Soc Biol., Chicago, 16(3): 209-15.

\_\_\_\_\_ e Galvão, E. (1969a) A cerâmica dos índios Jurúna (Rio Xingu), bol. do Museu E. Goeldi, Antropologia, nr.41, Belém.

\_\_\_\_\_ (1970) Os índios Jurúna do Alto Xingu Dédalo, Museu de Etnologia e Arqueologia - USP, Ano VI, nr.11, 12 (JUN-DEZ), São Paulo.

\_\_\_\_\_ (1970a) Parentesco Jurúna bol. do Museu E. Goeldi, Antropologia, nr. 45, Belém.

Pike, K.L. (1971) Phonemics: a technique for reducing languages to writing. Ann Arbor : The University of Michigan Press.

Pike, K.L. (1972) Tone Languages. Ann Arbor : The University of Michigan Press.

Rodrigues, A.D. (1955) As línguas "impuras" da família Tupi-Guarani. Separata dos Anais do XXXI Congr. Intern. de Americanistas, nr.2, São Paulo.

\_\_\_\_\_ (1986) Línguas Brasileiras. Para o conhecimento das línguas indígenas. Loyola, São Paulo.

\_\_\_\_\_ (1987) Programa de Documentação Científica das Línguas Indígenas Brasileiras. Projeto apresentado no CNPq.

Rodrigues, Carmen L. R. (1990) Langue Xipaya: étude phonologique dissertação de mestrado, Université Paris 7 - Jussieu.

Rodrigues, Daniele M. G. (1990) Fonologia do Guaraní antigo Campinas: Editora da UNICAMP.

Ruhlen, M. (1978) "Nasal Vowels" in: Greenberg, J. (ed.) Ferguson, C. e Moravcsik, È., Universals of Human Language. Vol II - Stanford University Press Stanford, California.

Samarin, W.Y. (1967) Field linguistics: a guide to linguistics field work Holt, Rinehart & Winson New York.

Seki, L. (1988) Projeto de Documentação e Descrição das Línguas do Parque Indígena do Xingu. UNICAMP, Campinas.



127

Shane, S.A. (1975) Fonologia Gerativa Rio de Janeiro: ZAHAR Editores.

Snethlage, E. (1913). Vocabulário comparativo dos índios Chipaya e Curuahé. Boletim do Museu Goeldi 7.93-99, Belém.

Steinen, K. (1940) Entre os aborígenes do Brasil Central. Departamento de Cultura, Separata remunerada da Revista do Arquivo, nr.34-58, São Paulo.

\_\_\_\_\_ (1942) O Brasil Central: expedição em 1884 para a exploração do rio xingu Trad. Cannabrava, Nacional, São Paulo.